



**QUEERLOMBOS**  
REVISTA

JUNHO 2021  
edção PILOTA





REVISTA

# QUE ERILOMBOS

AFFEITOS  
ENCON  
REJTRROS  
EXISTÊNCIAS

JUNHO 2021  
Nº1

1. Edytorial	3
2. Trava, soy	13
Uma entrevista com Susy Shock	
3. Escutaqueer	27
TEATRALIDADES	
4. Escutaqueer	37
POLÍTICAS PÚBLICAS	
5. Escutaqueer	47
DIREITO À CIDADE	
6. Escutaqueer	57
PRODUÇÃO CULTURAL	
7. Escritas	72
DA GRANDE FAZENDA QUE É O PLANETA TERRA E OS AFETOS DE RESISTÊNCIA “MATILHA[LES]”.	

“

*A dias venho pensando em escrever algo a vocês, de como abrir meu corpo em ponto de p. minha pele, para que de alguma forma vocês possam também se abrir aqui, pelo menos algum tanto que resta. Registrar instantes de si em imagens de um agora que as vezes se vai ou fica.” (Vina Amorim)*



# Edytorial

Por Gio de Oliveira, Karla Ribeiro e Mayra Pietrantônio



O que seria pensar uma curadoria queer? Uma queeradoria? E para manter um queerlombo vivo e nutrindo as corpos que o erguem na contemporaneidade de mediações, via imagens e distanciamentos sociais sem data pra terminar? Como reinventar aquilo que pensávamos estar longe de ser nostalgia e agora, se tornou espera?

É nova a sensação de sentir saudades das criações coletivas em oficinas, olhos nos olhos, partilhas de comida e conversa, corpos na pista, encontros nas encruzilhadas de pedra sabão. A resistência que deu corpo a Queerlombos se trans-figura e reconfigura distâncias, tempos e afetos. Plataforma, como elemento que dá passagem, oferece suporte, conecta um espaço a outro, uma ampliação de ponte.

Desenvolvemos uma série de pesquisas que culminaram na criação da *Plataforma Queerlombos* [www.queerlombos.org](http://www.queerlombos.org);

a primeira de cultura queer de Minas Gerais, e mesmo entre o medo pandêmico e retrocessos políticos e humanos, tivemos a oportunidade de existir no ambiente virtual, em mais um anexo de nossa corpa ciborgue, que agora pode viajar por territórios distantes e promover novos encontros.

A primeira edição da Revista da Plataforma Queerlombos informa algumas das tecnologias ancestrais de fazer acontecer em situações adversas. A queeradoria do projeto no ano de 2020 se fez como um experimento coletivo de criação estética e artística, mas sobretudo um movimento político e de reflexão de como sobreviver no contexto em que o projeto acontecia. Desde seu início, o que norteou o pensamento queeratorial foi a ideia de “Canjerê”, um dos nomes dados à uma reunião de pessoas de Axé,<sup>3</sup> candomblecistas, umbandistas, macumbeiras, em uma celebração de estarmos juntas e cultivando a energia da vida. Asé!

Sendo assim, diversos canjerês aconteceram na pré, durante e pós-produção, em tentativas de manter no formato a distância, posturas de cuidado e troca que são linhas de frente da construção da Queerlombos, que completou 05 anos de existência em 2020. Importante rememorar esta data, porque ela também foi fundamental para a intersecção entre presente, passado e futuro da Plataforma, que trouxe consigo os nomes e parcerias que deram corpo e seus frutos desde o início, que finaliza mais um ciclo nessa revista.

Buscamos a ancestralidade e suas vozes dentro do Projeto, que tomaram forma nos Canjerês de ideias, versão vídeo e podcast. Criamos laços nas discussões sobre territórios que devem ser contagiados e ocupados pelas corpos queer no Escutaqueer. Fazer diálogos, germinar conversas, olhar pra vida que há. Esse é o principal eixo.

As pessoas que compuseram os Canjerês de ideias em formato audiovisual vivem e trabalham no território de Belo Horizonte, artistas e ativistas da cena queer, que em sua maioria estiveram em Ouro Preto, berço do movimento, compondo os eventos que nos constituíram Queerlombos. Os temas abordados foram: “Arte transviada”, “A cena transmasculina”, “Corpa caminhão”, “Pretas e arte queer” e “Outras corpos produzindo moda”. Cruzamos experiências, memórias, trabalhos e repertórios que constituem a cena artística queer mineira, com questões de ontem, ações do agora e vislumbres de futuro.

Nos Canjerês de Ideias em formato podcast, em seis episódios aprofundamos temáticas que dizem respeito a campos

em que a sociabilidade queer nem sempre é o foco, como na saúde, educação básica e universitária, direto à cidade e produção cultural.

O Escutaqueer, em articulação aos Canjerês de ideias, vem com a proposta de democratização de acesso a grandes temas, sendo eles: #1Políticas públicas, #2Direito à cidade, #3Teatralidades e #4Produção cultural, em uma abordagem que tenta traçar algumas linhas do que são estas áreas, e via depoimentos de pessoas que fazem movimentos acontecerem no território mineiro, traz porta vozes de coletivas de teatro, produtoras culturais, organizadoras de movimentos sociais. Gente que está na linha de frente desses processos, corpos queer que lidam com a práxis que exercem como ofício, ativismo, militância, sobrevivência.

Os Ciclos Formativos aconteceram em duas oficinas babadeiras! As formações “Seja ligeira: Autogestão e produção para artistas LGBTQIA+ independentes”, com Fredda Amorim e “Produção de conteúdo para mídias digitais” com Giovanna Heliodoro, foram oferecidas pela plataforma em convergência com o que ela mesma pretende, aprendizagem e uso de ferramentas que promovam a emancipação de pessoas LGBTQIA+ em seus trabalhos e produções autorais. A receptividade a proposta e as devolutivas às coordenadoras dessas ações tiveram um impacto muito importante no pensamento de passos futuros para a coletiva, que vê em ideias de autonomia de produção queer uma potente trilha a desbravar.

Na perspectiva de aprofundar os Ciclos Formativos aconteceu o Ateliê de Si, uma proposta de criação a partir



de um processo de experimentação artística conduzida por Vina Jaguatirica, contando com a participação de artistas cartografades na cena queer mineira da atualidade. O Ateliê de Si provoca uma imersão em cada subjetividade para encontro do mote de criação e resposta a diversos estímulos e provocações, um convite não só para relatar, mas também poetizar a si mesma. O resultado dessa incursão também compõe essa publicação e expande tensionamentos e perspectivas artísticas das pessoas criadoras no processo.

Na Revista Queerlombos selecionamos textos que falam sobre vivências, experiências, relatos das nossas lutas e resistências enquanto pessoas LGBTQIA+, parcerias que acreditam na potência de que juntas podemos transformar e (de)compor realidades.

As corpas apreendem as tecnologias, as recriam e mantêm-se juntas. Por isso celebramos cada uma das vidas LGBTQIA+ que compuseram a criação desse trabalho, celebramos toda a sua potência e generosidade! A sós somos brilhantes, mas juntas somos multidões! Agradecemos pelos encontros, as descobertas, as trocas e afetos. (Re)existindo, refazendo, transformando territórios sociais, culturais e históricos com nossas corpas dissidentes e revolucionárias! Agradecemos todas, todes, e todos por EXISTIREM! A QUEERLOMBOS TÁ A(R)MADA pra receber! Não termina por aqui.

**Showme!**

## **A Plataforma Coletiva Queerlombos é:**

[Anna Tulie](#)

[Arthur Medrado](#)

[Daniela Mara](#)

[Diego Abegão](#)

[Fran Lima](#)

[Fredda Amorim](#)

[Gio de Oliveira](#)

[Isabela Dilly](#)

[JahiAmani](#)

[Karla Ribeiro](#)

[Laira Oliva](#)

[Laura M. Quimbay](#)

[Mariane Rodarte](#)

[Marco Pedry](#)

[Mayra Pietrantônio](#)

[Saulo Calixto](#)

[Théo Mantelato](#)

[Tulio Colombo](#)

[Vina Amorim](#)







“

*O ar me ensina sobre liberdade, sobre movimento, sobre sentir. Na forma de vento ele trás boas novas, é essencial para nossa vitalidade. Precisamos respirar, ter fôlego pra fazer, pra criar, para movimentar. Respirar ARte para não pifar.”*

*(Mariane Rodarte)*





# Ateliê de si

*Ateliê de si é uma experiência de cuidado, entendimento, escuta e fala para se dizer desse si mesmo, que nos acompanha nas diferentes camadas corpo, como a epiderme, vestimentas, casa, identidade social e meio ecológico/global. Na Queerlombos o ateliê foi formado por 16 artistas, da própria Plataforma e pessoas convidadas das cidades de Belo Horizonte, São Paulo, Bogotá e Varginha. Nos cinco encontros foi proposto uma abertura de si e ao expor um pouco de cada pele, cada artista elaborava um pouco de si e produzia uma foto que era trazida no encontro seguinte. Nestes registros encontramos vestígios: das palavras ditas, dos momentos de identificação, das histórias das células e da roupagem habitável de cada participante sobre seu corpo e suas relações no mundo.*



Foto: Daniela Mara

*Muitas das fotos que estarão presentes durante sua leitura foram concebidas dentro desse ateliê. Que elas possam te afetar tanto quanto nossas palavras e trabalhos.*



“

*Hoje eu percebo que o fogo e o ar tão bem próximos do que consigo imaginar quando penso no significado dessa trajetória louca que é viver. Esse fogo armazenado, que é essa brasa, é como um calor em descanso ou em espera.” (Adan Costa)*



# TRAVA, SOY

@susy.shock / @freddamorim / @andrea\_\_bazan

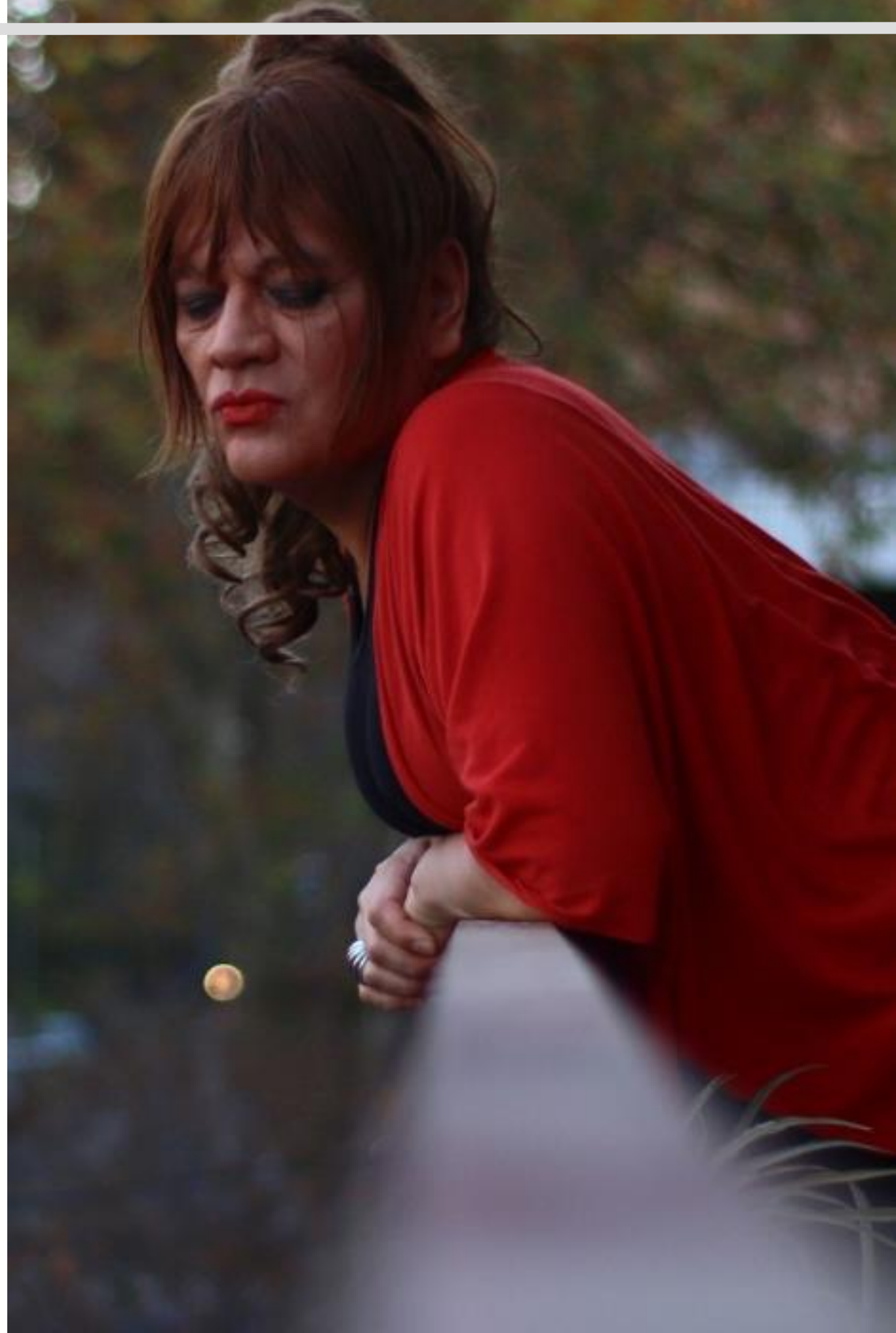
Entrevista/encontro entre Fredda Amorim e Andrea Del Valle Bazan com Susy Shock entre 2018 e 2019 no distrito de Santo Antônio do Leite, Ouro Preto, MG e costuras de conversas tecidas a partir da afet(o)ação escrita que sai da pele uma metodologia de encontro entre corpos que (re)existem por e-mail e via WhatsApp. Susy de certa forma usa dois coletivos de BH (Academia Transliteraria e “tipo banda Mascucetas”) e seu trabalho como artista para traçar uma noção de performance.

**S**usy Shock é uma artista de nacionalidade argentina que se auto define como artista trans trava sudaca: os primeiros adjetivos correspondem a sua identidade travesti e o último é uma palavra da língua espanhola que, por muito tempo, foi usada de maneira pejorativa por nativos da Espanha para se referir à população sul americana. Assim como os movimentos sociais LGBTTTQI+ nos Estados Unidos e no Brasil, através dos estudos queer, se apropriaram da injúria para ressignificar o xingamento e, até mesmo, como estes movimentos vêm ressignificando o termo TRAVESTI, a artista se apropria orgulhosamente do termo sudaca, usando-o como um traço singular, no lugar do xingamento e do escárnio.

Como ativista, Susy Shock forma parte da Coletiva Lohana Berkins, agrupação que luta, entre outras coisas, pelo fim da violência cotidiana contra a comunidade travesti-transsexual e pela inserção de

peessoas trans no campo de trabalho. A coletiva leva o nome de Lohana Berkins, pioneira e representante do movimento de luta pelos direitos da comunidade travesti-transsexual da Argentina. Susy sempre diz que não deseja mais carregar títulos ou rótulos e que não deseja escolher título algum para se nomear: artista trava, gênero colibri ou simplesmente TRAVA. No começo de seu livro Poemário Trans Pirado, Susy (nos) pergunta: O que sou? Importa? e com essa pergunta abre um questionamento acerca da sua identidade, mas também, de quem está escutando-a.

Frente à pergunta de Susy, surgem as questões: quem é? o quê é? e para o senso comum, as típicas: é homem? é mulher? Marlene Wayar, ativista, psicóloga e travesti argentina, afirma e pergunta: “Sou travesti. Qual é a sua identidade para dizer o que devemos e podemos fazer as travas? (WAYAR, 2018, p. 22). A teórica questiona sobre a identidade e convida a pensarmos na nossa própria identidade e a tomar consciência de que





maneira as construímos, e como são nossas infâncias dentro de um régimen heterossexista y adultocéntrico (WAYAR, 2018, p. 24).

A performatividade é instantânea e espontânea, e também faz parte da construção pessoal de Susy como IDENTIDADE TRANS, no seu íntimo, e como processo político, no coletivo. Mas Susy não se considera uma performer, embora seja essa uma característica possível do trabalho que ela realiza, tanto nas apresentações de música e poesia quanto nos textos que tem publicado. Então, surge uma questão: o que há de performativo/perfomático na sua arte? É colocar o corpo e a palavra em ação a verdadeira performatividade de Susy? Em uma entrevista cedida recentemente a mim e a Andrea Bazan (sua irmã), Susy Shock traz alguns questionamentos acerca do significado das palavras performer e performance. Ela pensa que todo ato cotidiano pode ser uma performance sem que saibamos, ou seja, certas performances cotidianas acontecem sem nós percebermos. Nesta nossa conversa “fora das peles” falamos sobre várias coisas de forma livre, como deve ser.

**[Susy Shock:]**

Eu tenho uma frase nas cartas que escrevi para o Monsenhor Daguer nas quais digo que nós, as travas, estamos furiosas [...] mas não porque queiramos queimar igrejas, faz tempo que estamos ocupadas em construir nossos próprios templos. Esse é o conceito desde o qual eu trabalho, esse “fazer”, não estamos ocupadas destruindo o que nos fez mal, estamos ocupadas em construir aquilo que tem a ver com nós, com o que somos, com o que sonhamos, com o mundo...

eu gosto nos pensar como tribo, eu subo no palco e não digo “oi, gente”, eu digo “oi, tribo” porque sinto que somos uma tribo que está diversificada por muitas coisas, que já não tem fronteiras, que estamos sendo e xs reconheço em cada país que vou, em qualquer língua que seja, que estamos nas mesmas vibrações e isso é super potente, isso cruza, atravessa religiões, raças, classes sociais, nos reconhecemos como tribo pelas nossas dissidências genérico-sexuais, por exemplo.

**[Provocações pelo caminho]¹**

Fale um pouco sobre ser performer. Sobre como sua performance artística e a performatividade de gênero se encontram e o que isso representa para você. Estes são atos performáticos conscientes ou esses processos de criação acontecem num fluxo de encontros e atravessamentos?

**[Susy Shock:]**

Pra mim a diferença entre o consciente e o inconsciente é que há performances sociais, culturais, né? como (quando) supostamente, uma pessoa deseja conquistar outra pessoa... é uma performance; “vai, tem que conquistar elu”; “vai, fala com elu”... tudo (isso) é uma performance. [...] Talvez levamos para o palco todas essas questões culturais cotidianas que acumulamos, que praticamos, que são performance e não as reconhecemos como tal. Talvez até essa inconsciência faça parte da performance. Se eu fosse uma performer, além do fato de acreditar que sou uma performer, eu estaria também performando uma identidade que é ela mesma performativa.

**NO QUEREMOS  
SER MAS esta  
HUMANIDAD**

Susy Shock  
Hojarascas, Muchas Nueces, 2017



**[Provocações pelo caminho]**

Sim, mas é muito amplo ... é muito amplo porque, por exemplo, todas as ARTES performativas que se inserem dentro desse conceito de performance, mas não só o artístico é performativo, mas há, por exemplo, um demonstração, é uma espécie de performance ... uh ... sei lá, eventos públicos ...

**[Susy Shock:]**

Sobre o que fazem as meninas, meninos e meninos da Academia Transliterária<sup>2</sup>. é nitidamente performativo (pra mim é performance) mas, claro, uma performatividade que diz respeito

ao movimento que elas protagonizam. vejamos, se eu te entendo, digamos, além do fato de eu ser uma cantora que canta uma música folclórica que fala de Monsanto<sup>3</sup>, o que está acima disso é o fato de que minha arte também é ação de uma PESSOA TRANS em pé num palco também se apropriando de algo já constituído.

Na verdade, o que quero dizer é que performance também é estar aqui neste momento/encontro fazendo parte dessa conversa, constituindo essa entrevista que será lida por outras pessoas tantas, é também estar na mesa de um bar cantando uma música de meu cancionero. Pensar

sobre meu fazer artístico e sobre performance me levanta vários questionamentos dos quais não encontro respostas para todos.

**[Provocações pelo caminho]**

Como você define seu trabalho?

**[Susy Shock:]**

Na realidade meu trabalho tem haver com um mundo normalizado que tudo aparece fora de si mesmo, primeiro ... é a primeira leitura que as pessoas fazem bem, é como eu entendo isso, eu os desafio para isso, mas eu também quero fugir disso; mas eu sei que vivo nesse mundo normalizado, normativo ... você me entende?

Porque eu falo: "ah bom, me leia como folclorista" Vou para Cosquín, o berço do folclore ... ninguém vai parar de me ler enquanto estou no palco. Na verdade, os insultos vão ser assim ... Sempre tem algo performativo, quer dizer, se "a gordinha vai cantar", não importa se ela é cis, digamos, a performativa vai cantar. O performativo é o que nos apresentamos apesar de nós mesmos? É a questão, ou há também uma consciência do performativo? Eu acesso o palco a partir do performativo, que é a primeira coisa que vão ler sobre mim e depois vou encaixar a mensagem e outros elementos ... sei lá. Se formos à gênese da palavra "performer" ... é um ator, uma atriz; e executar é agir, se mover. Ora, esse é o problema da discussão ideológica com a palavra, não estou agindo; eu sou EU. Sim, claro, como diria Karen Benett<sup>4</sup>, "todos nascemos nus, o resto é travesti" ... certo? Há algo que eu posso decidir, isso claramente ... mas eu decido também a minha posição política. Na verdade, estou anunciando mais "travesti" do que "gênero trans" ou "gênero beija-flor", como tenho dito. Mas eu digo, é muito, porque tem haver com, como diria Marlene Wayar<sup>5</sup>, "procurar o mais incômodo". Decidi ficar no incômodo, poderia dizer "sou mulher" e muitas outras coisas sobre o que sou, entende? Será que o performer é uma discussão política? Ou não atinge essa altura? Parece-me que o que me acontece com a palavra performer é que nem sempre a vejo como uma entidade política, vejo mais como uma busca estética, nada mais, e como certas questões sobre a "moda", mas se o performativo é o político, de onde nos olhamos para ver o mundo? Digo: "estou gorda " e eu me levanto da gordura em um mundo que proclama o magro como paradigma da beleza, e preciso me posicionar aí para discutir esse mundo [...]







O que o Mascucetas<sup>6</sup> faz? Tento entender o performativo, mas assim como eles, estou em processo de entendimento. O mais performático dos Mascucetas é o momento em que tiram a camisa, porque é aí que se preocupa, daí em diante, né? É como se eles mesmos fizessem a performance e ao mesmo tempo é onde todas as leituras que as pessoas comuns viram, porque eu vi no recital, ESTILHAÇAM... tipo: o que são? porque? Porque o peito é uma performance, o corpo é uma performance, o cu é uma performance.

### [Provocações pelo caminho]

#### [Susy Shock:]

Claro, se eu estou ciente de que estou produzindo uma performance, ou se eu sou uma performance além da minha decisão política de sê-lo, mas na verdade eu também digo para mim a diferença entre o consciente e o inconsciente é que: há uma performance, quer dizer, estamos aqui comendo em um restaurante ... há uma performance de comer em um restaurante. Existem performances sociais e culturais, certo? Como, seria assim... supostamente um "menino" tem que se relacionar com uma "menina" ... tem um padrão ... é uma performance; "Vá até ela ", "vá falar com ela" é tudo uma performance, certo? O que aciona as decisões políticas que passam a tomar é colocar obstáculos, bloqueios ou rediscutir esses caminhos, mas o que se produz não deixa de ser performance e, quem sabe, é levar em cena todo esse cotidiano cultural que produzimos, que são performance e não as vemos como performance. Talvez seja isso, o que eu sei é que em mim estou cada vez mais relaxada com isso. Quando li a mim mesma, quando comecei a cantar folclore..

principalmente, que usava luvas arrastão, salto de cabaré, como eu sei, não é que procurei e eu não tinha consciência disso, mas sem dúvida, quando eu me vejo em fotos, em imagens, em vídeo, então digo: Ahhhh... claramente eles me leram "la trava", e "la trava" vai cantar folclore. Que me leiam com tudo o que os faz barulho ou tudo que os codifica ou não é uma brincadeira, está me entendendo? E depois fui relaxado nessa estética ... mas não me dei conta disso imediatamente. Encarei a solidão, a desapropriação do trabalho solo, para ver o que era... quer dizer, tem algo muito anterior, que li para mim mesma nos anos 90 quando fiz "Alma y voz" que queria cantar,

tem haver com a vontade de cantar e que na verdade depois músicos se juntaram a mim, mas "Alma y voz" eu comecei como solista e fazendo barulho porque eu não tocava caixa, depois me acompanhava um músico com pequenos sons... e procurei canções, principalmente canções que acompanhassem aquelas poesias que ele dizia ao vivo, canções que pudessem ser executadas no silêncio, sem música instrumental ou acompanhamento musical. Então, com mais "teatralidade", claro. Agora, quando eu comecei a querer voltar a cantar, especificamente, já deixando o varieté e tudo mais ou fazendo junto com isso, até que enfim utilizo todo o tempo "cantando";

Eu me lancei com o que pude: canções e a caixa foi acrescentada como algo que passei a conseguir tocar e cantar, até mais tarde a banda, hoje.

### [Provocações pelo caminho]

Mas quero dizer, foi uma escolha por algo seu que você poderia dominar, digamos, ou algo assim.... Porque você poderia ter escolhido outra coisa, por exemplo. você poderia ter escolhido, sei lá, fazer bases eletrônicas por exemplo

#### [Susy Shock:]

Sim, parece-me que também tem haver com gostos. Mas digo também, ao mesmo tempo que eu ataquei com várias coisas,







porque fiz o dueto com a Karen Benett de rock e sei lá, parece que as pessoas estavam escolhendo que gostavam mais disso, mas não que seja uma resposta a isso porque na verdade, hoje eu tenho uma banda e músicas e um monte de coisas ... o que menos faço hoje é música sozinha. Mas há algo que é como uma gênese dessa ritualidade. É isso, solidão. Eu não me importo, eu tenho uma. Ter uma banda e isso é a melhor coisa que poderia acontecer comigo no mundo e se eu não tiver uma banda também continuarei cantando.

### [Provocações no caminho]

Fale um pouco sobre como você tem se movido artisticamente durante essa pandemia.

### [Susy Shock:]

Ano passado, durante a quarentena, fizemos as Postas Sanitárias Culturais junto à Cooperativa La Vaca, no espaço Mu Trinchera Boutique. Cantamos atrás da vitrine de Mu para cada pessoa que sentava do lado de fora, uma pessoa, uma música. Também montamos uma produtora independente audiovisual para enfrentar o streaming violento e o pedido geral de utilizar o celular para transmitir e realizar fatos artísticos. Temos que confiar na nossa existência como artistas independentes, autogerenciadas. Fugir das regras do mercado que é o que nos adocece. Marcar uma agenda à pandemia com a insistência do encontro recriado e com cuidados, nada que nossos transfeminismos não nos tenham ensinado antes.

### Notas

<sup>1</sup> Questões e provocações que podem ter sido postas por Fredda Amorim ou Andrea Del Valle Bazan que conduziram essa conversa.

<sup>2</sup> A Academia TransLiterária é um coletivo formado por artistas majoritariamente da população Trans/Travesti que desenvolve trabalhos nos campos da performance, teatro, literatura e música com o intuito de difundir, pesquisar e protagonizar a arte e cultura desta comunidade, também da periférica. Reafirmando-se enquanto um espaço de arte e cultura, de formação, experimentação, criação e também de afetos, acolhimento e de encontros. [academiatransliteraria@gmail.com](mailto:academiatransliteraria@gmail.com) ou [@academiatransliteraria](https://www.instagram.com/academiatransliteraria)

<sup>3</sup> "No sul vendem os bosques sem respeitar o Pehuén, botando fogo na paisagem, cercam lagos sem lei. Córdoba inundada ou seca, é o desmatamento, as plantações de soja, o incendio arrasador. E canto contra Monsanto, ramita seca tu corazón" (Ramita seca / Aldana Bello) – musica do disco TRAVIARCA. Monsanto é a empresa que comercializa as sementes transgênicas e joga agrotóxico nos cultivos na Argentina.

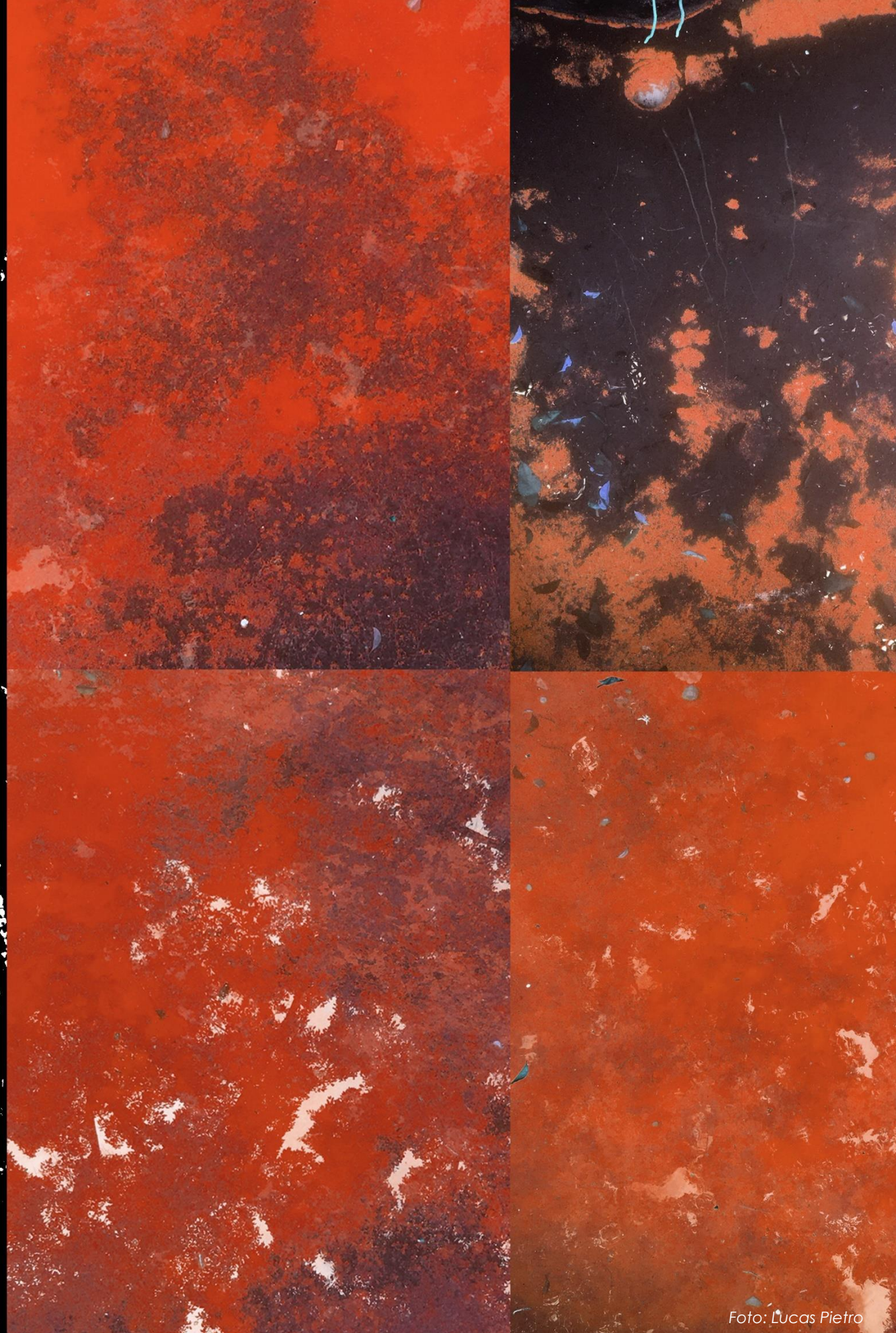
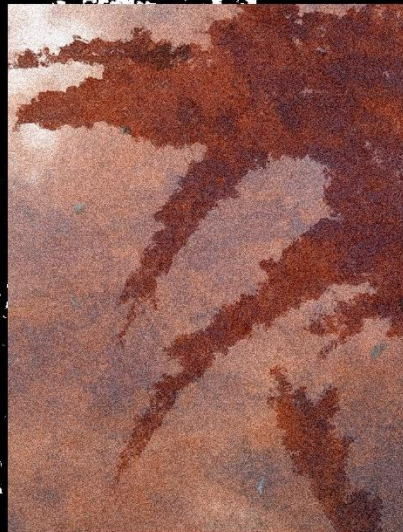
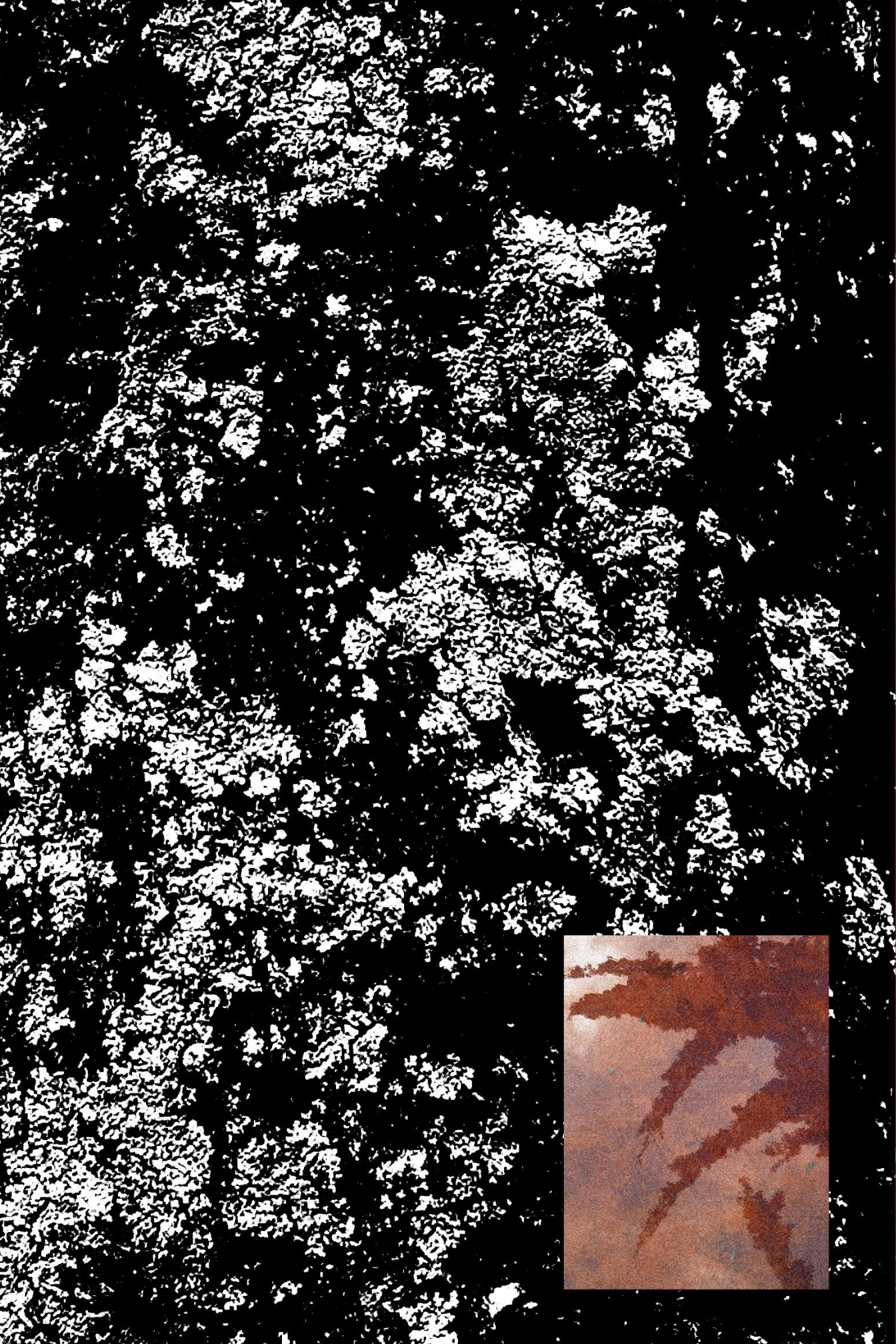
<sup>4</sup> Karen Bennett é guitarrista e cantora trans da cena argentina de rock e autora de la trilha sonora do documentário El puto inolvidable, homenagem a Carlos Jáuregui. Com Susy Shock criaram a dupla musical Transilvânia.

<sup>5</sup> Traduzido do inglês-Marlene Wayar é uma psicóloga social argentina, ativista dos direitos de transgêneros e autora do livro Travesti: una teoría lo based buena.

<sup>6</sup> Mascucetas é um projeto musical idealizado pelo ator e compositor Lui Rodrigues, que amplifica narrativas transmasculinas e LGBTIA+, de forma performática, cômica e responsável, com a presença itinerante de homens trans, transmasculines e não-binários.











Trecho do texto “Quais bixas podem ter direitos” ou, o porquê de uma crítica queer ao direito” por Rafael Aguiar. Disponível em: [www.queerlombos.org](http://www.queerlombos.org)

“

*No que diz respeito ao enraizamento da branquitude patriarcal, este encontra-se presente tanto na direita militarizada, quanto na esquerda burguesa, cristã, intelectualizada que deliberadamente ignorava “a necessidade de se pensar a sexualidade, o racismo, o machismo e o patriarcado, conjuntamente com as demais causas sociais” uma vez que tal perspectiva interseccional “era um instrumento fundamental para a mudança da estrutura social e o fim da opressão existente” (FERNANDES, 2015, p, 126). Na própria tentativa de articulação das militâncias e dos movimentos lgbtq+, a ação lésbica teve um papel fundamental ao reivindicar justiça de gênero como uma demanda não só em face do regime civil-militar, mas também nos polos da resistência que reproduziam autoritarismos raciais, sexuais e de classe em prol da manutenção de uma hegemonia endógena de pautas a serem defendidas.”*





# ESCUTAQUEER

*A série audiovisual aborda em episódios quatro eixos temáticos: políticas públicas, direito à cidade, teatralidades e produção cultural. Aqui traremos trechos transcritos e destacados de um material construído a partir de diálogos com outros grupos parceiros.*

*Confira na íntegra em [www.queerlombos.com/escutaqueer/](http://www.queerlombos.com/escutaqueer/)*

## TEATRALIDADES



*Kelly Spinolla  
(Teatro Negro e  
Atitude);  
David Maurity e Ju  
Abreu (Toda Deseo),  
Michelle Sá  
(Bacurinhas)*

Como se desenham as teatralidades na cena das artes em Minas Gerais no século XXI? Sabemos que a noção de teatralidade é bastante extensa para ser abarcada numa pergunta assim tão retórica. Ao longo da tradição ocidental, diversos atores, atrizes e encenadores se debruçaram sobre essa questão. Ainda hoje, não estão fechadas em si mesmas as considerações sobre a temática. Esse enigma permanece aberto.

Que aspectos são esses que indicam a natureza teatral de alguma ação?

Que elementos configuram a teatralidade de um evento ou de outro?

Há teatralidade na festa, no digital?

Como as nossas corpas provocam e são provocadas por essas teatralidades?

“Os equipamentos públicos são essenciais para a manutenção da cultura. Entendendo que a cultura não abrange a grande massa da população, é importante que esses espaços não abriguem somente as manifestações culturais, mas também possibilitem que essas manifestações venham com aparato técnico.”

Quais são nossas referências?

Em que espaços estamos e que pedagogia construímos com o público?

Em tempos de intensas trocas virtuais, a teatralidade recebe novos contornos, se reinventa conforme o próprio teatro tem feito nos últimos dois mil anos.





O termo teatralidade abarca uma enorme possibilidade de se pensar as manifestações teatrais. Isso é bom, porque a gente pensa em pluralidade. Mas para que essa pluralidade exista, nós temos que entender a singularidade que envolve, que está dentro dessa pluralidade. Isso porque o nosso teatro negro está atravessado pelas manifestações de cultura africana, afro brasileira, pela periferia, pela infância e pela mulher.”

A matéria de criação da Toda Deseo são os corpos LGBTQIA + e as questões que nos envolve, não tem como dissociar o nosso trabalho dessas questões. Seja pela composição do grupo ou porque desde o nosso primeiro trabalho nós sempre pensamos sobre esses corpos e sobre essas questões. Então a gente entende que a teatralidade está nisso, na presença desses corpos no palco, a diferença que é quando a gente assume esse lugar protagonismo e de como as nossas histórias, as histórias que nós criamos, elas impactam, ou elas são reconhecidas muito rapidamente por quem nos assiste; seja as pessoas LGBTQIA + ou não. Elas entendem que elas são produtoras ou reprodutoras de preconceitos, ou pelo menos elas reconhecem nas narrativas que nós criamos esses lugares. E isso pra gente é muito interessante.

As Bacurinhas tem uma linguagem teatral performática, e os nossos trabalhos principalmente dialogam com pautas que são sociais relacionadas a gênero.

Uma coisa que é super interessante e que a gente [Toda Deseo] sempre tem nos nossos trabalhos, independente da temática, é a festa. A festa como

encontro, como lugar de troca e contato, seja ele efêmero ou não. Você pode estar em uma festa e ver alguém que depois você nunca mais vai ver. Então a festa é um lugar muito potente e produtivo.

[Bacurinhas] É um coletivo que tem se dedicado ao longo desses cinco anos, a essa pesquisa, ao teatro que vem questionar um pouco essa estrutura de gênero que conhecemos hoje. Principalmente relacionada a nossa existência enquanto mulher. Então viemos de alguma maneira questionar tudo isso. Ironizar todos esses padrões que criaram pra poder aprisionar nossos corpos e nossas corpos. E a teatralidade das Bacurinhas que nós acreditamos é essa que de alguma maneira vai contra a corrente.

O nosso [Teatro Negro e Atitude] processo de criação parte de uma insurgência, algo que inquieta um ou mais integrantes do grupo. E essa insurgência que se coloca à mesa, procuramos um indivíduo e seu lugar de fala. Daí é pensar como isso tudo se liga para que surja a pesquisa do grupo.

Sobre os equipamentos públicos e o fazer teatral; pra gente da Toda Deseo sempre foi muito importante enviar os projetos de incentivo no âmbito municipal e estadual. A gente ainda não tinha tentado no âmbito federal, e agora sem ministério, com a coisa do jeito que está, tem sido ainda mais difícil. Então esses editais são muito importantes pra gente, a partir do momento que nós começamos a aprovar e entrar nessa esfera (...). Mas é muito importante,







depois do golpe, e com essa atual política, a gente tem percebido o desmonte total da cultura; a falta que alguns editais fazem, que não existem mais; a necessidade da cultura, de se aqueerlombar, o quanto isso é necessário, Porque, só a máquina pública já não dava conta antes, agora, muito menos, o setor da cultura está assim... o que dizer né minha gente?!

Os equipamentos públicos são essenciais para a manutenção da cultura. Entendendo que a cultura não abrange a grande massa da população, é importante que esses espaços não abriguem somente as manifestações culturais, mas também possibilitem que essas manifestações venham com aparato técnico.

Tudo que a gente [Bacurinhas] conquistou pra fazer os espetáculos foi através de festa. Por exemplo "A Obra Bruta", o que nós fizemos pra levantar recurso, foi a vaquinha virtual, e a gente movimentou a coisa da rede, todo artista faz essas vaquinhas. Então são alternativas que nós encontramos para poder realizar os nossos espetáculos. (...)

Nós [Teatro Negro e Atitude] entendemos por queerlombo, a necessidade da busca de espaços para que sejam ocupados, entendendo que o Brasil é o país que mais mata LGBTQIA +, se faz necessário esses espaços de queer e aquilombamento, e partindo do pressuposto, entendemos que a educação e a informação são ferramentas transformadoras da humanidade. Então eu acho que quanto mais nós levarmos conhecimento e educação para a população, mais elas vão entender as pluralidades e como esses outros corpos e corpos interagem na vida da sociedade.

Pra mim [Ju Abreu] é muito importante estar aqui falando sobre isso, e dessa plataforma ser criada, e da queerlombos existir do jeito que ela existe, fazendo as coisas que ela faz, é muito importante como documentação, como história, é muito importante pra gente se ver, pra gente se entender, pra gente se aqueerlombar, pra gente estar juntinhas nessa caminhada que tem sido de muita resistência e luta, mas que a gente tenha certeza que nós aqui estamos juntas, estamos unidas em uma coisa só que a gente acredita, no nosso fazer artístico.

“Nós entendemos por queerlombo, a necessidade da busca de espaços para que sejam ocupados, entendendo que o Brasil é o país que mais mata LGBTQIA +, se faz necessário esses espaços de queer e aquilombamento, e partindo do pressuposto, entendemos que a educação e a informação são ferramentas transformadoras da humanidade.”

“Olhares que gritam, violentam, desejam, mexem com a cabeça de quem está sendo visto, criam cicatrizes, me deixa viciada em querer desviar o olhar y assistir os mínimos detalhes ao mesmo tempo.” (Gabe Faya)



“

*Desde muito cedo, fui tirada da minha casa e, a partir dali, me fiz meu lar. Sou minha própria morada mas ocupo vários lugares.” (Darlene Valentim)*





Trecho do texto “Lesbianidade e performatividade de gênero” por Mayra Pietrantônio.  
Disponível em: [www.queerlombos.org](http://www.queerlombos.org)

“

*E que lugar é esse que nos foi imposto? Que corpo é esse que causa repulsa? Como as lésbicas com seus corpos abjetos, são vistas e integradas na sociedade? Segundo Judith Butler os corpos abjetos são corpos cujas vidas não são consideradas vidas e cuja materialidade é entendida como não importante.*

*É na resistência de um corpo que carrega as marcas de opressões vividas desde a infância que desenvolvo pesquisas com meu corpo performativo lésbico/sapatão que incomoda, transformando esse incômodo em potencialidades de expressões e linguagens artísticas e memórias sociais da existência de uma história que não teve direito de existir.”*





# POLÍTICAS PÚBLICAS



Ana Clara (Casa Tina Martins)  
Marco Aurélio (NUH- UFMG)  
Jô Arllen (Noh, deu Macth!)

Políticas públicas são, em determinado sentido, conjuntos de metas coletivas a serem discutidas no âmbito do direito público. São metas e ações desencadeadas pelo estado, visando o atendimento a setores da sociedade civil. Portanto, vemos aqui termos extremamente discutíveis e necessariamente em disputa, como por exemplo “política”, “pública”, “estado”, “direito” e até mesmo “sociedade civil”. Não vamos nos ater aqui às definições literais de cada questão, já que essas – dentro das aplicações do nosso estado – vêm de um formalismo que não nos cabe, pois nunca nos pensou a não ser por aquelas de nós que resolveram tomar de assalto esses significados e virá-los do avesso. Política, para nós, está no ato de ser, de (re)existir, é ubuntu, é filosofia e vem do afeto, do desejo, da luta. Em relação ao público, o encaramos como algo relativo ou pertencente a um povo, a uma coletividade.

Nossas vivências enquanto corpos que apontam para direções contra hegemônicas, destituídas de direitos, ou até mesmo de possibilidades. De existência, se juntam, se aqueerlombam, para construir políticas públicas que consigam nos enxergar. Que se constituam de necessidades genuínas, muito além da realidade, dever e penalidade, imposta aos nossos povos desde a fundação deste país colônia.

“O grande desafio é como a gente enfrenta essas políticas antiLGBTQIA+, entender como elas se organizam, como que esses atores conservadores e reacionários criam cruzadas anti gênero, não só no Brasil mas como em muitos países. E pensar um pouco como desmontar essa ofensiva.”

É também no âmbito das políticas públicas que podemos discutir a necropolítica e a política do bem viver.

É preciso que a gente fortaleça os projetos que trabalham com o HIV e com aids, e que trabalhem também dentro da cultura e da arte, porque os direitos estão entrelaçados. Hoje a gente não consegue falar sobre saúde sem falar de educação, de esporte, lazer e cultura. Quando nós trazemos o direito à saúde, nós trazemos o jovem para que ele se atente a todos os outros direitos que ele tem. A gente precisa começar a falar também sobre a vida, e essa plataforma vem abordando esses jovens através da afetividade, do diálogo, através da proximidade. As políticas públicas são garantidas, quando nós abrimos o nosso diálogo e quebramos os tabus para poder falar sobre educação sexual







Foto: Arthur Medrado

Para nós entendermos que a política pública é na verdade um conjunto de ações programadas e sistemáticas que buscam, não só, redistribuir a riqueza de uma país como reconhecer direitos de uma população quando os direitos não estão reconhecidos e garantidos. Então uma política pública envolve um conjunto de fatores. Embora ela seja protagonizada pelo estado brasileiro, ela só pode ser pensada em uma democracia em diálogo com vários setores da sociedade civil, com outras instituições e com organizações não governamentais. Então política pública é um conjunto de ações que se institucionalizam dentro do estado, e que busca atender demandas da sociedade, reconhecer identidades e expressões da diversidade de uma sociedade, combater a perda de direitos e reconhecer novos direitos sociais. Por mais que o estado seja na hierarquia do protagonismo da política pública o ator principal, não é só ele que efetiva uma política pública.

A Tina [Casa Tina Martins] compoe a rede de enfrentamento à violência contra mulher de Minas Gerais, e nós atuamos junto de casas abrigo, teams\*, creans\*, creas e outros equipamentos que são importantes na atuação em conjunto, trazendo cada vez mais eficiência neste trabalho. Acho que é importante essa atuação em conjunto, uma vez que algum desse equipamento não tiver um serviço especializado o outro vai ter. Quando algum desses lugares não tem um assistente social, e a demanda é essa, o encaminhamento para uma delegacia, da delegacia para uma casa abrigo, nós fazemos esse mento. Esse tipo de encaminhamento é muito importante para

ter essa comunicação direta durante o acolhimento de uma pessoa em situação de violência que chega pra nós com determinada demanda.

Montamos [Noh, deu Match] o nosso consultório dentro do CRJ, nesse espaço de cultura e de arte, a gente também tem o espaço para cuidar da saúde, onde esses jovens podem se sentir seguros. Além do CRJ, a gente também faz parceria com outros espaços, e a gente busca parceria com o sócio educativo, com a defensoria pública e também com o projeto “Fica vivo!” que atende as juventudes de periferias, favelas e comunidades. Se a gente já tem grande dificuldade de fazer com que as políticas públicas cheguem às juventudes, quem dirá a aquelas que estão dentro das periferias e de ocupações, desses espaços mais sucateados no nosso desgoverno

O grande desafio é como a gente enfrenta essas políticas antiLGBTQIA+, entender como elas se organizam, como que esses atores conservadores e reacionários criam cruzadas anti gênero, não só no Brasil mas como em muitos países. E pensar um pouco como desmontar essa ofensiva.”

“o maior desafio desse tempo histórico da nossa existência, é de fato a nossa existência.”



Pelo o que eu entendi, [queerlombo] é uma organização autônoma, que busca pautar a questão da diferença, que eu acho que é fundamental hoje, não só a questão queer mas como a discussão racial e étnica no Brasil. Pensar em outras formas de aglomerações, de ações coletivas que não necessariamente as que a gente conhece na história, na trajetória e repertório da sociedade brasileira.

Pensar talvez como essa ideia da metáfora do quilombo pode trazer também horizontalidades para as diferenças, pode trazer inclusive escuta de vozes que a gente às vezes não consegue escutar.

Quilombos foram locais criados como refúgio para pessoas que foram escravizadas. QUEER é uma palavra para denominar pessoas que não fazem parte do padrão heteronormativo e cisnormativo. Por isso eu acho que a junção dessas palavras, seria a criação de um local de refugio pra pessoas que não fazem parte desse padrao cis e hetero normativo.

Quando eu falo de queerlombos, logo eu penso nesse espaço de afeto, nesse espaço seguro, entre nós, entre as nossas irmãs, pessoas pretas, pessoas trans, travestis e não binárias. E quando eu falo de espaço seguro, falo de um espaço que seja além do discurso. Nós precisamos praticar essas ações no dia a dia, nós precisamos praticar essas ações quando a gente está recebendo pessoas trans e pessoas travestis no nosso território. Para que a gente não vá na contramão e coloque essas pessoas em risco, não coloque essas pessoas em lugar que a cisgeneridade que a branquitude já coloca o tempo inteiro, que é um lugar de risco e de abuso.

(...) Que a gente possa formar um queerlombo real, que possamos ser valorizadas pelas nossas produções artísticas, que a gente possa ser remuneradas pelas nossas produções artísticas, e que enfim, que a gente tenha uma troca que vai para além da universidade.

“ Não é uma questão de incluir nesse sistema vigente, mas sim de construir políticas públicas advindas de subjetividades resistentes que foram apagadas e subjugadas durante a história.”







Foto: Mariane Rodarte

Crédito da foto



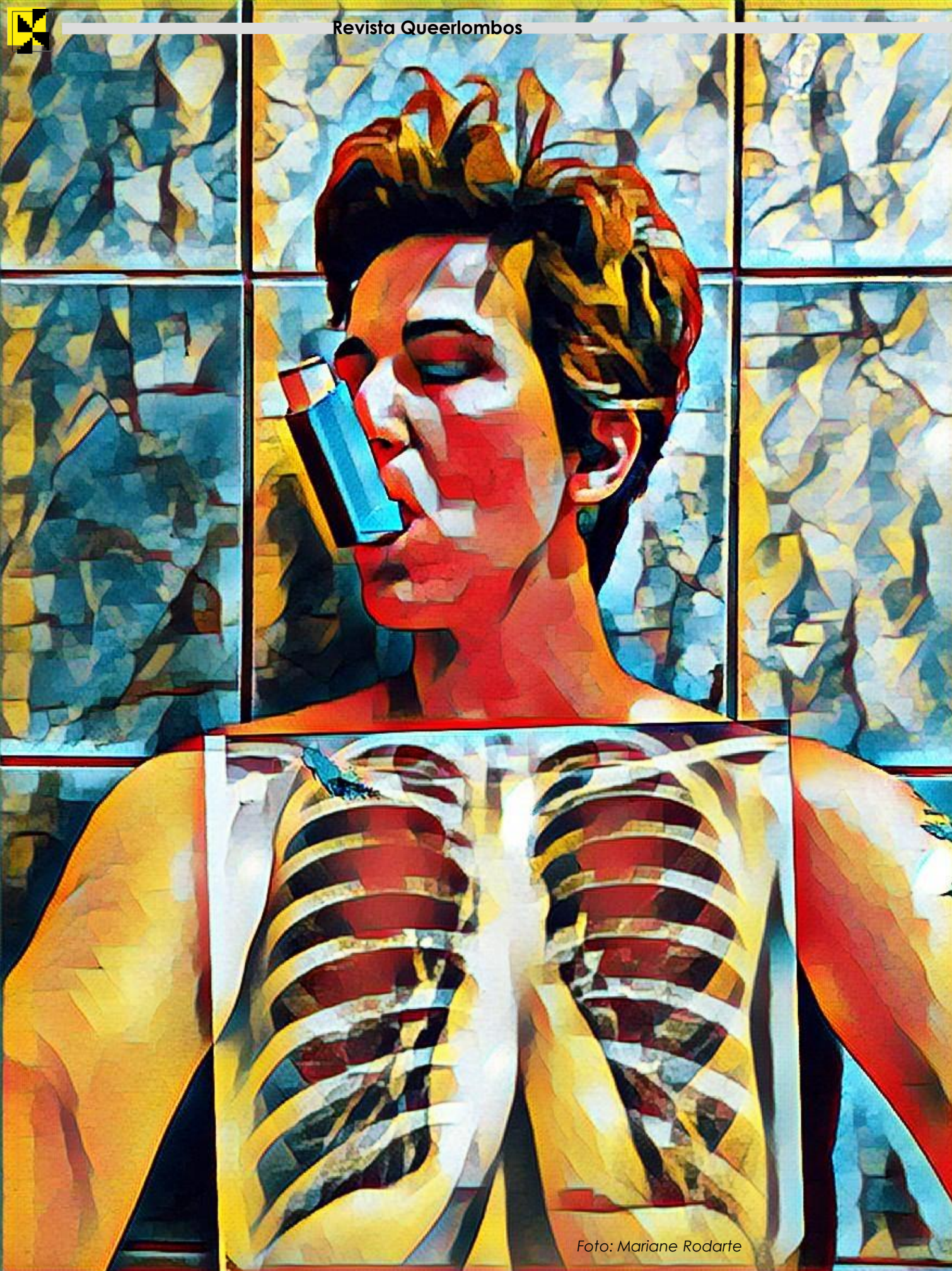


Foto: Mariane Rodarte

Trecho do texto “Uma educação emancipadora porque sim!”  
por Gio de Oliveira. Disponível em: [www.queerlombos.org](http://www.queerlombos.org)

“  
*Há uma luta histórica pelas conquistas de direitos à e na educação brasileira, e sem dúvida, a legislação que fundamenta e respalda esse exercício é fruto dessa luta. Luta levada nas costas pelos movimentos dos trabalhadores, indígenas, negros e feministas e endossadas por educadores e especialistas de diversas áreas ao longo desse processo. Ter legislação que respalde a liberdade de discussão científica de temas que são comuns a vivência e subjetivação das pessoas num estado plurinacional como o nosso, é o mínimo que se pode exigir para a escola pública, enquanto política pública de reparação histórica aos direitos arrancados secularmente de sua diversa população.*”



# DIREITO À CIDADE



Lorena Lemos (MTD)  
Lorryne Antonielle (MLB)  
Tulio Queiroz (Brigadas Populares)

A expressão “direito à cidade”, originalmente cunhada pelo filósofo e sociólogo francês Henri Lefebvre em 1968, é entendida atualmente enquanto muito maior que a liberdade individual de ter acesso aos recursos urbanos: é um direito de mudar a nós mesmos, mudando a cidade. Além disso, é um direito coletivo e não individual, já que essa transformação depende do exercício de um poder coletivo para remodelar os processos de urbanização.

Agora estamos falando da América Latina, ao sul global, mais especificamente do Brasil, país colônia desde as épocas da invasão. Direito à cidade, aqui, se sobrepõe a inúmeras camadas, a começar pelas cidades que foram erguidas em cima dos povos originários, bem como com sangue e suor dos povos sequestrados de África para essas terras. Foi na época das invasões que impuseram a noção de propriedade privada nas sesmarias, roubando e usurpando os territórios de cá, consolidando o poder de uma pretensa elite daqui, em prol do enriquecimento de países do Norte. Ironicamente, a quinhentos e vinte anos não superamos o sistema colonial, na verdade o Brasil desenvolveu esse sistema, perpetuando até hoje a propriedade nas mãos da casa grande e o colonialismo em nossos corpos, mentes e culturas.

A cidade ainda está longe de ser, está em constante disputa para se tornar pública, popular e múltipla. Sabemos que historicamente nossas corpos foram destituídas de espaço nessas terras, firmes e resistentes, espalhando-se nas lutas diárias, para criar espaços que nos caibam.

“ Se a gente fizer um recorte de classe dentro dos movimentos LGBTQIA +, a gente sabe que a maior parte dessa população é pobre, não tem moradia própria ou às vezes moram com os pais e os pais não aceitam a orientação sexual ou a identidade de gênero, e a pessoa tem que ir para a marginalização, sair pra rua ou vão para os subempregos. ”

O “T” [na sigla MTD] que é de trabalhadoras e trabalhadores, nos diz sobre todos aqueles e aquelas que vivem do trabalho, a classe trabalhadora. Seja ela empregada, mas também os informais, aqueles que têm trabalhos precários e as fragilidades nas relações de trabalho. E que tem como caminho de luta, é no sentido da garantia dos direitos, seja a moradia, o saneamento, a saúde, o lazer, o trabalho, a educação, emprego e renda, a cultura, ou seja, todo esse



Adnan Costa





Foto: Lucas Pietro

conjunto de direitos que foram conquistados, o acesso às políticas públicas. Quando a gente pensa nos problemas relacionados à garantia desses direitos, eles têm colocado como barreira de acesso, a qualidade ofertada, ou inclusive a ausência de direitos, essas questões estão ancoradas no processo sócio histórico de desigualdade do nosso país, da constituição da nossa sociedade. Fruto do período da escravidão, da exploração, da violação dos direitos, da questão da distribuição das terras, da exploração de negros e indígenas e consequentemente no direito à cidade. Então o nosso movimento fortalece, dentro da sua atuação, o direito à cidade principalmente na periferia, nas comunidades, nas favelas e nas ocupações.

Eu acho que nós, pessoas LGBTQIA + quando nos inserimos em alguma luta que não necessariamente é uma luta LGBTQIA +, nós ficamos um pouco invisíveis no meio disso tudo. Quando nós fazemos uma ocupação urbana ou política, nós não vamos lá com o intuito de lutar porque nós somos lagbtqia +, nós vamos lá com intuito de lutar porque nós precisamos de moradia digna. Enquanto pessoas LGBTQIA + nós sumimos nesse lugar. Dentro de uma ocupação urbana, em sua maioria são mulheres, mães solo, que compõem essas famílias, mas ainda assim são famílias heterossexuais. Em sua maioria pessoas mais velhas, mais conservadoras, então a gente além de ter que estar em uma luta porque queremos que o estado garanta um direito básico que é a moradia, a gente tem que, muito entre aspas, mostrar pra essas pessoas que estão dividindo a luta conosco, que é nosso direito também. Eu enquanto uma

mulher lésbica, por exemplo, eu posso querer minha casa própria, é meu direito, uma moradia digna junto com a minha família.

O direito a cidade é também o direito ao bem viver na cidade, e o bem viver ele compreende, não só o direito, não só uma coisa da legislação, não só o que é lei, mas também o direito a respirar, a trabalhar, a amar e circular pela cidade com a diversidade que os nossos corpos têm. E aqui eu estou falando nossos corpos como LGBTQIA +. Eu diria que o direito à cidade é constantemente negado, e ele tem uma localização, um CEP, vamos dizer assim; mas também tem cor e tem raça. Então, à medida que um sujeito está mais na periferia, ele tem uma cor de pele negra, ele tem mais direitos negados, o acesso à mobilidade, o acesso ao lazer e à cultura. Tudo isso dificulta ainda mais o acesso do sujeito que esta na periferia, que é negro, que é pobre, que é gay; ele tem vários acessos negados do direito a cidade.

É importante dizer também, quando a gente pensa no direito à cidade, nós sabemos quais pessoas são excluídas no direito à cidade. Nesse sentido, nós sabemos o impacto da violência contra a população LGBTQIA +, sabemos da questão da violência contra as mulheres, então é fundamental compreender que o movimento também luta pela garantia dos direitos, de todos os direitos, nós temos direitos iguais.

O que eu sinto com muito orgulho, é que há cada vez mais uma abertura, mas uma abertura também em função de uma luta e de uma organização



popular da população LGBTQIA +, de se organizar tanto em movimentos que já existem, quanto se organizar em próprios coletivos, para pautar avanços e necessidades para população LGBTQIA +. Eu acho importante que as duas coisas aconteçam, dentro das Brigadas existe essa abertura pra gente pautar e são círculos LGBTQIA +; que a gente possa discutir como a organização deve lidar com a questão LGBTQIA +, então eu acho que as duas coisas são muito importantes, a disputa do que já existe e também a construção de novas organizações, de novos coletivos, de novas movimentações que pautam a importância e a centralidade da diversidade, entendendo que isso faz parte da natureza humana, e a gente precisa colocar isso como prioridade em uma organização que se propõe a ser revolucionária, não dá pra gente ignorar essa diversidade e muito menos não entender que existem direitos que são negados especificamente a essa população.

Essa sociedade perversa, essa sociedade que todos os dias demonstra as marcas do capitalismo, do racismo, da LGBTfobia, que é fundamental para nos movimentarmos e encontrarmos sentido na coletividade para a luta. Só faz sentido construirmos uma nova sociedade juntos e juntas. Então pra gente avançar na construção de um projeto de país para o povo e com o povo, e que reconheça a diversidade do seu povo e garanta proteção, garanta a soberania do seu povo, garanta plenitude de direitos, é fundamental a união para essa luta de transformação social que a gente tanto almeja. Então quando se pensa

no conceito de queerlombos, eu acredito que ele traz um sentido de resistência, de uma resistência que é múltipla, e que traz dentro desse conceito uma diversidade que precisa ser respeitada. Então por isso eu acredito que esse conceito é um somatório, desses pares, dessa pessoas, que almejam a construção dessa sociedade, que reconheçam essas marcas, mas que procurem avançar no sentido de plenitude de direitos para todas e todos.

Eu imagino que essa palavra vem de resistência. Se nós imaginarmos as duas palavras sozinhas, quilombo e queer, tanto quilombo vem de uma resistência de um povo negro, escravizado e que lutou contra isso, e queer vem de uma resistência das pessoas que assumiram um xingamento pra si, assumiram o xingamento como uma palavra de ordem. Então, eu acho que se a gente pensar em juntar esses dois termos, a gente tem um termo que fala de uma resistência pobre, negra e LGBTQIA +, eu acho o termo sensacional.

O quilombo é um espaço que se traduz a partir da resistência do povo negro contra todas as opressões, sequestros e abusos que sofreram e sofrem até hoje. E eu entendo que a junção de queer e quilombo passa pela junção de tudo que foge à norma e resiste. É tudo que não se enquadra em uma padronização sexual e de gênero imposta pelo sistema machista e capitalista, ele que existe e que cria fissuras para construir outras narrativas, construir outros mundos possíveis. Então eu acho que o queerlombos é muito assertivo, porque junta essas duas coisas que são fases de resistências que são históricas, a resistência negra e a resistência das pessoas LGBTQIA +.

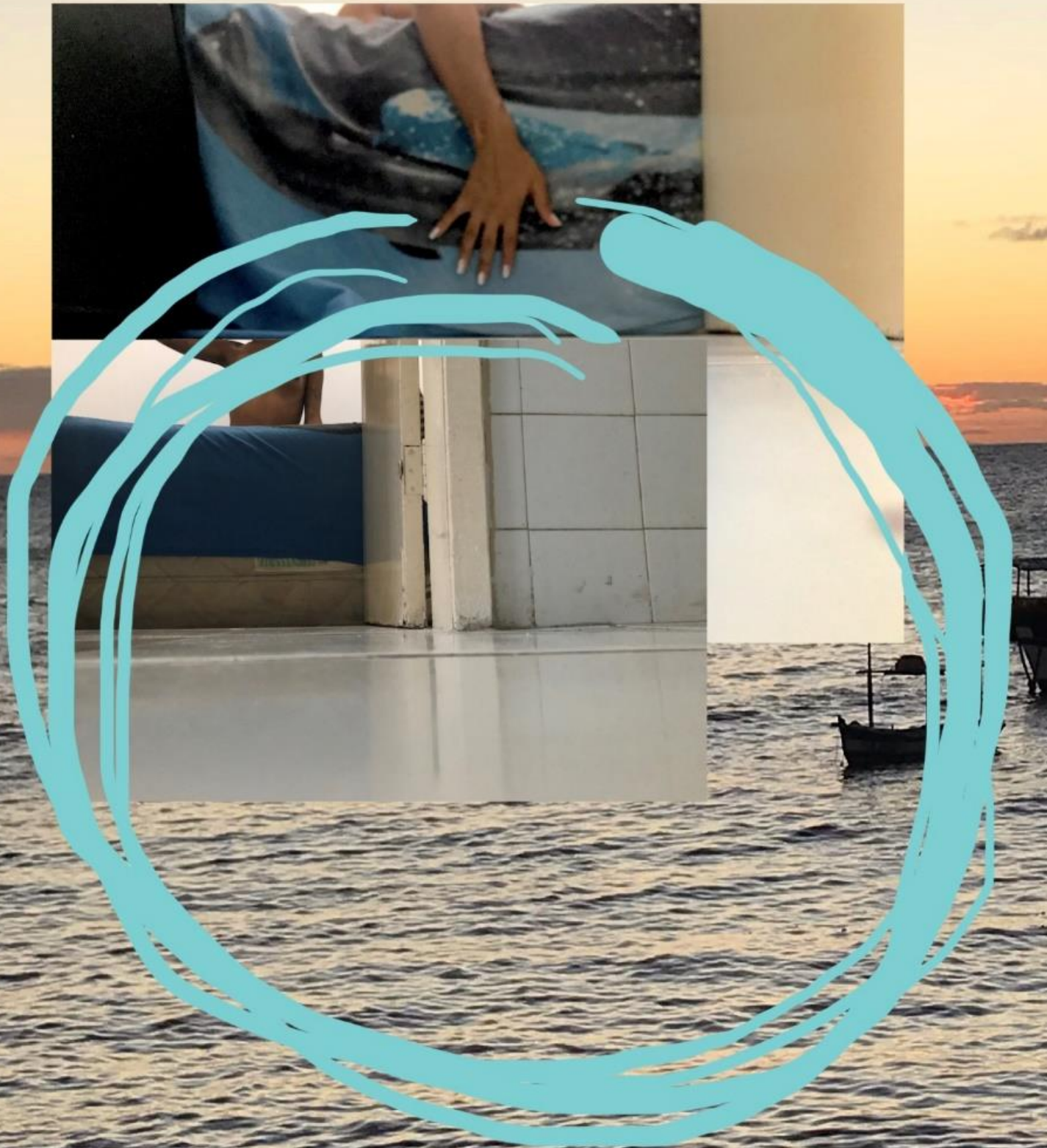


Foto: Daniela Mara









Trecho do texto “Vídeo-depoimento de Avelin Buniacá Kambiwá”  
por Companhia de teatro Toda Deseo.  
Disponível em: [www.queerlombos.org](http://www.queerlombos.org)

“*A gente tem que entender também que, junto com esse teatro bíblico, essa coisa de “a moral da história”, tudo cheio de muita moral. Eles, além de nos impor um deus estrangeiro, também nos impõe uma noção de pecado, de inferno, de sexualidade sadia, do ponto de vista deles. Demonizam a nossa cultura, os nossos corpos, a nossa sexualidade, a nossa sexualidade. Tudo se torna pecado. E isso não acabou na época da colonização no século XVI. Isso foi começado pelos jesuítas, mas agora continua com força com as igrejas neopentecostais, que tem entrado nas aldeias, demonizando as pinturas corporais, as pinturas faciais de jenipapo e urucum.”*



# PRODUÇÃO CULTURAL



*Idylla Silmarovi (Zona de Encontro)  
Juhlia Santos (Festival TransViva!)  
Rainy Campos (Segunda Preta)*

Produção cultural...

todas nós produzimos e reproduzimos cultura e em alguma medida. Cultura nos constrói e nos constitui sujeitos em sociedade, em coletivo, a partir de nossas vivências, nossas memórias, ancestralidades... está presente em nossos desejos, pulsões e ações. O ato de produzir cultura em um país onde culturas, no plural, foram sempre apagadas e subjugadas, sobre um mito de um sincretismo pacífico. Produzir cultura sempre foi a forma de dar luz aos anseios de um povo, de um grupo e de uma comunidade. Aqui estamos falando de tecer redes, produzir caminhos, construir discursos. Criar acessos e pontes que ligam inúmeros territórios, mobilizam pessoas e grupos em prol da realização de algo.

Produção cultural é uma questão muito grande, e quando eu puxo ela pro meu entendimento, ela está muito vinculada a ideia de fazer o corre para coisas acontecerem. Nós que somos artistas e não trabalhamos com tanto fomento quanto outros, praticamente fomento algum, ela tem haver com esse movimento de desembolar sua própria história, de fazer a famosa correria. Tem haver com uma movimentação, de uma articulação tanto para executar determinada coisa quanto também toda a elaboração filosófica, estética e de

linguagem que você pretende fazer. Então a produção cultural tem haver com diálogo, tem haver com parceria, tem haver com rede, fazer laços e alianças, sobretudo alianças. Eu não acredito em uma produção cultural isolada, que não dialogue com as pessoas, sejam elas as pessoas que você trabalha ou não, eu acho que pensar produção cultural, é pensar justamente na movimentação e aliança.

“essa ação de transformação vai afetar o campo político, cultural, social e de alguma forma econômico. Eu penso que todas as nossas ações são políticas.

O produtor e a produtora cultural em si, são mecanismos, são meios, são tubos de conexão entre todas as produções efervescentes nas cidades, nos estados e no país; e como esses tubos de conexão colocam pra fora, ajudam a parir esses projetos culturais efervescentes em todos esses lugares. Então acredito na produção cultural nesse lugar, nessa forma de canonizar; de canalizar mesmo. Eu acredito que a produção cultural é uma forma de canalizar todas essas efervescências que estão borbulhando em vários polos, e é nesse sentido.







Eu acho difícil dizer o que é produção cultural, porque toda sociedade produz cultura na relação e no encontro, em seu território, com a natureza, entre outras coisas. Então, todas as relações humanas produzem cultura. Agora a produção cultural enquanto campo de conhecimento, de trabalho e ação; o que seria produção cultural? Eu penso que seria, pessoas que olham pra isso que está sendo produzido pela sociedade nos territórios, e executam alguma ação em relação a isso.

O nosso [mulheres] pensamento não é legitimado, a nossa forma de organização não é legitimada, o nosso tempo não é legitimado, os nossos corpos não são legitimados. Então desenvolver projetos feitos por e para nós, é o fortalecimento de uma rede, dos nossos corpos e das nossas subjetividades. É uma estratégia contra esse capitalismo machista que vivemos, contra essas estruturas de poder hegemônicas que regulam nossos corpos constantemente. Nesse sentido eu acho que mulheres produzindo cultura também é uma revolução. Uma revolução estética, de linguagem, de pensamento, de estruturação e de formas de se organizar.

Pensando que é um movimento estratégico de pensar uma transformação, um caminho a se chegar, ele já é uma ação de mudança. E essa ação de transformação vai afetar o campo político, cultural, social e de alguma forma econômico. Eu penso que todas as nossas ações são políticas. Pensando também nesse entendimento de estratégia de transformação, em relação ao social, político, econômico e cultural, eu acho que nós temos que pensar: Quem são essas pessoas que estão envolvidas

nesse movimento? Qual é esse território? Quem sou eu nesse movimento? Como eu estou executando essa ação? Quais as estratégias que eu estou usando?

Falar da importância dessas corpos, dissidente de gênero, dessas corpos trans, dessas corpos travesti generis e nesses espaços culturais, é falar de demarcar um espaço, marcar um território, é falar de reparar a nossa ausência e exclusão em todos esses espaços. E quando nós, pessoas travestis, transexuais e dissidentes de gênero estamos ocupando esses espaços, estamos provando que esses espaço são nossos e damos conta de pertencê-los. Falta naturalizar nossa estada nesses lugares, porque naturalizando a nossa estada nesses lugares, cada vez mais nós vamos ter acessos, porque nós já damos conta de pertencer. E é de extrema importância que as nossas corpos estejam presentes de fato, porque a representatividade só se dá realmente com as nossas corpos presentes.

É difícil dizer que a gente [Segunda preta] quer conseguir um espaço de segurança, um espaço fora do sistema vigente. Eu acho que nós queremos transformar o sistema vigente, mas primeiro nós temos buscado construir esse nosso espaço e se transformar."

“É pensar que esse espaço pode ser um espaço que vai abrigar todas as corpos, todos os corpos. Abrigar todas as formas de produções. De pensar e existir. E tudo isso de uma forma muito correlacionada com as existências possíveis.



Queerlombos pra mim é uma palavra muito bonita, essa junção do queer com o quilombo. Eu vou começar com o quilombo, pedindo licença; quilombo pra mim tem haver com resistência, liberdade, tradição e comunidade. Eu acho que quilombo é um território sagrado. É um lugar onde você vai pra lá pra ser comunidade, para estar junto, para existir com dignidade e liberdade, e para lutar contra uma série de sistema, no caso quilombo, principalmente de sistemas racistas. Então é luta também. E queer é essa liberdade. Quando ele se junta com o quilombo, a gente chega em nós, nos nossos corpos, na nossa existência enquanto LGBTQIA+, podemos nos aqueerlombarmos, nos reunirmos enquanto comunidade. A gente tem essa percepção de que somos uma comunidade e precisamos ser comunidade de fato. Esse nome me provoca essa dimensão de uma comunidade resistente, de luta e liberdade dos nossos corpos. Que a gente está junto nas nossas diferenças, a gente não se pretende igual, mas na nossa diferença estamos juntos, resistimos e existimos. E vai pra luta, pra festa, vai sorrir, ser feliz, se alinhar e amar. Eu acho que queerlombos é muita poesia pra mim, é muito bonito. E queerlombos pra mim é também o chique do chiquérrimo, classe, elegância, amor e tesão. Eu acho um babado.

Pensar queerlombos, é pensar nesse umbigamento, nesse ajuntamento, nesse mafuá, nessa miscelânea de todas as corpos. Pensar queerlombos, é a junção do queer com o quilombo, que nós enquanto pretas e pretos já sabemos dessa marginalização, dessa necessidade de nos agruparmos, de nos aquilombarmos.

Então é uma sacada maravilhosa quando junta o queer com o quilombo, e se torna essa junção do queerlombos. Isso é muito grandioso. É pensar que esse espaço pode ser um espaço que vai abrigar todas as corpos, todos os corpos. Abrigar todas as formas de produções. De pensar e existir. E tudo isso de uma forma muito correlacionada com as existências possíveis. Pensar queerlombos é pensar nas mil possibilidades de existência, esse respeito, esse entendimento das mil possibilidades das nossas corpos. Desse remonte, desmonte e transmonte que transcende tudo isso. Pensar queerlombos é ir além desse fazer e agir, que estrutural, que jamais aceitaremos que ele seja estruturante. Pensar queerlombos é pensar num outro espaço. Não é subverter uma norma, é simplesmente criar um outro espaço; um espaço seguro, um espaço onde nós podemos viver e pertencer e cada vez mais nos relacionarmos com as nossas diversidades e multiplicidades. Queerlombos vem desse lugar agenero, que rompe, que inquieta, e acredito também que ele também nasceu de uma inquietação, de uma ausência e da falta.





“

*As águas inundam meu corpo-mente da paixão com a qual sustento as minhas lutas, minhas rebeldias e meus amores anárquicos. O fogo transmuta meu pensamento, me acerca à filosofia, me faz amante dos saberes negados, do conhecimento escondido, me leva longe e se intensifica com a paixão da água.” (Laura Quimbay)*





Trecho do texto “Sobre zonas de encontro, queerlombos e pandemia!”  
por Idylla Silmarovi. Disponível em:  
[www.queerlombos.org](http://www.queerlombos.org)

“*Apesar de, tentamos e re-existimos, porque somos insistentes especialistas em sobreviver. Nesse mundo pandêmico, nos fechamos em casa não só para evitar a doença mas para buscar curas, caminhos, outras possibilidades para o mundo e para a arte, para que não precisemos mais abdicar da presença, valorizando a importância das artes vivas e presenciais, escrevendo novas histórias, revolucionando as linguagens, as metáforas e os símbolos, canibalizando as referências, cambiando a mirada, retomando os corpos, para dar luz, a essa nova vida que saíra em meio aos escombros.*”

“*Debruçar sobre o engasgo da memória repetida em pele, sem corporificação das metáforas do corpo. Rever, reter, reviver. Momentos para fantasiar a melancolia, recolorir a neblina, observar o feixe luminoso habitar no entre. Meu corpo incendeia. Corpo lava deságua. Exala a queima. Derrama água. Corpo labor de si. Suor inunda pele. Memórias marcam. Lava. Corpo líquido, lava.*” (Daniela Mara)





Trecho do texto “Pistas sobre um cinema de aquilombamento na escola pública. Experiências da olhares (im)possíveis com o filme benedita.” por Arthur Medrado. Disponível em: [www.queerlombos.org](http://www.queerlombos.org)

“*Nessa perspectiva, podemos perceber que Benedita não opera somente entre os tempos evocados dentro filme, como também nos tempos em espiral que estão fora do dele, no extra-campo, que é a própria vida e a rotina escolar dessas estudantes. Em nenhum momento de nosso trabalho com as oficinas de realização nos preocupamos em tutelar e interferir nas cenas realizadas para os filmes-cartas. Ou seja, todas tinham liberdade criativa em elaborar seus pensamentos e tentar organizá-los em uma primeira espécie de roteiro. Após construírem um roteiro em grupo, as meninas definiram quem seriam as personagens, e quem iria dirigir cada uma das cenas. Um dos meninos foi solicitado a participar, justamente porque haviam cenas em que todas estavam “atuando”. Antes de gravar as cenas de bullying as meninas se dividiram em “opressoras” e “oprimidas” e ao realizarem a cena o que se escuta (justamente porque são elas que dizem e reafirmam na gravação de áudios dos insultos usados para compor as cenas) é: “neguinha do cabelo liso, fedida, ...”. Mais do que Bullying, o que o filme evidencia é o caráter racista das ofensas sofridas pelas jovens negras (tanto no filme, como em seus cotidianos).”*





seus sentimentos racistas

Mas nas sei onde fica a diferença

dentre  
criolo e branco

criolo e branco

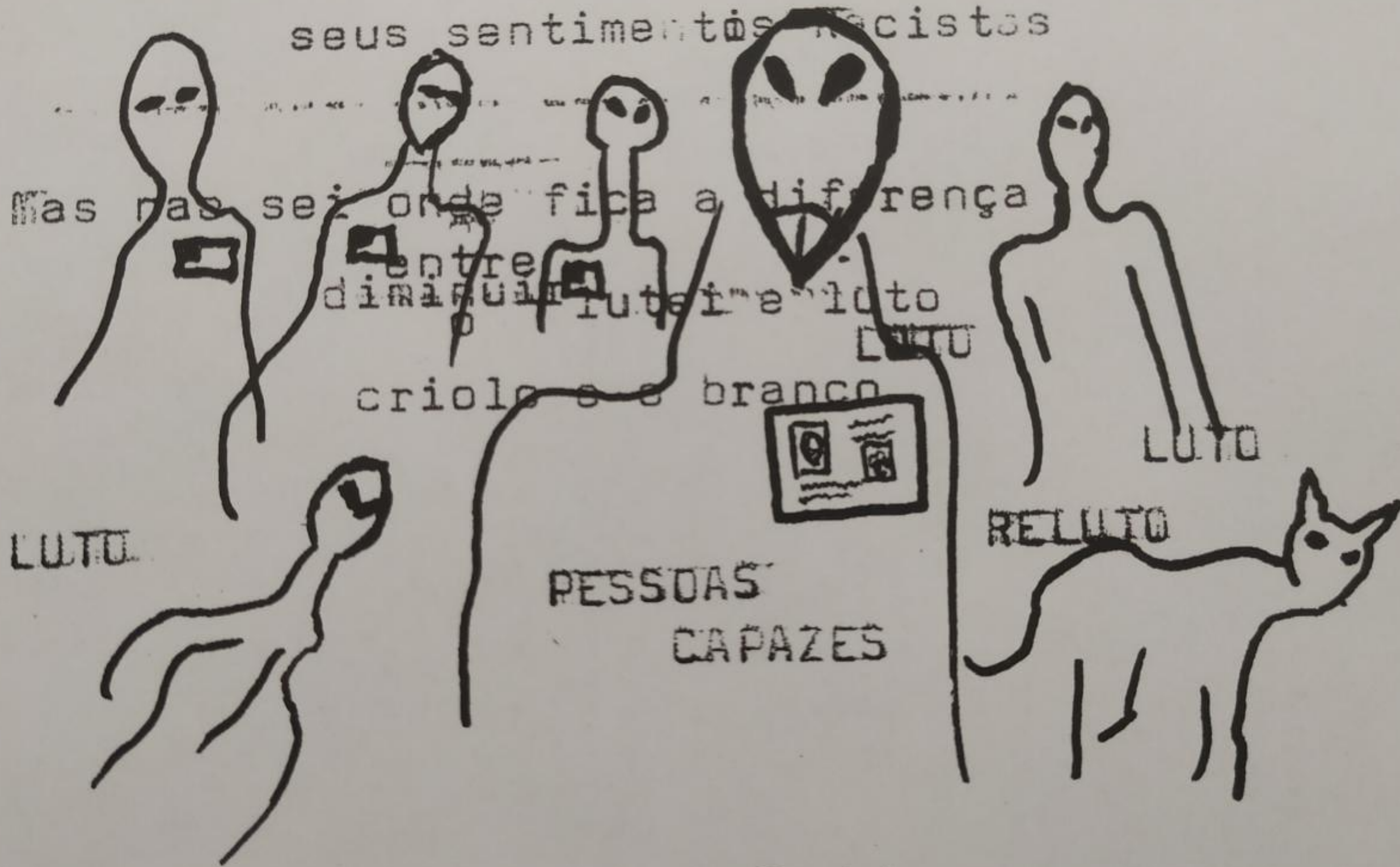
LUTO

RELUTO

LUTO

PESSOAS

CAPAZES







# Escritas

## DA GRANDE FAZENDA QUE É O PLANETA TERRA E OS AFETOS DE RESISTÊNCIA “MATILHA[LES]”.

Por Laura M. Quimbay

Nota para xs futurxs leitoras. Gosto de pensar na migração como um processo de transição não só geopolítico. Migramos e transitamos o tempo todo, interna ou externamente, intelectual, sexual, emocionalmente. Criamo-nos e recriamo-nos!! Terrível heresia para o pensamento cristão. Renunciamos ao grande criador, o grande provedor de sopros divinos carregados de identidades imutáveis. Recriamo-nos e por isso nos temem, por isso seu controle a partir das suas boas formas e sua boa moral, de suas familiares e estandardizadas demonstrações sentimentais que vêm acompanhadas do castigo quando transbordamos seus limites.

Derrotamos o homem. Fugimos do macho patriarca que temos dentro. Abandonamos a pátria padre-madre edípicos que nos ensinaram a amar sem importar as vidas perdidas por sustentá-la. Abraçamos o bicho que somos, que fomos, que seremos. Bichx estranho nas festas familiares, bichx “doente”, bichx “triste”, bichx radical e perigoso. Bichx, sapa, cachorra, loba, cobra, bichx-bruxa, bichx-infeccioso. Bicho que sofre, que sofreu, que sofrera e, no entanto, não perde o desejo de viver, de compor, de se encontrar fora do humanismo modelar, utilitarista, eucodermico-centrado.

O homem, branco, classe média, hetero, cis, intelectual, racional como CULTURA modelar que levamos dentro, precisa sucumbir ao encontro que só o atravessamento das dores permite. A “morte e ressurreição” de nossas carnes nos levam a criar alianças. Então, não fique sozinha, chore com nós, beba e embriague-se com e de nós. Coma com nós. Dance e crie com nós. Grite e chingue a quem quer te destruir com nós. Goze e senta-se amada com e por nós.

Bem-vindes ao estado do contágio criativo, de proliferação amorosa cuidadosa. Que as perguntas sempre estejam abertas, como nossas mentes e nossas intensidades. Abracemos nossas vulnerabilidades. Migremos, transitemos, trans-internacionalizemos sem medo, porque juntas todo é mais profundo e leve, não fácil, não romântico, não invencível.

Este pequeno texto contém quatro pequenos escritos elaborados durante a crise pandêmica “COVID-19”. Uma crise que nos confirma a produção de morte do sistema económico atual e sua aliança com os grandes Estados genocidas da contemporaneidade.

Boa e curta leitura. Eu te abraço e desejo todas as afeções alegres possíveis e a criação, também, a partir daquilo que padecemos.



**Nota I. Sobre la migración.****Comenzó el 15 marzo, después de una gran pausa, terminó el 11 maio 2020**

“Somos la amenaza que ríe

somos la amenaza que llora

somos la amenaza ama

somos la amenaza que canta”[1]

Las caras lindas

Ismael Rivero

Tite Curet Alonso

“Soy”, a partir de ahora, una partícula componiendo ese gran cuerpo llamado migrantes en un mundo en el que los Estados-Nacionales imponen identidades prefabricadas por nacer de un lado u otro de cualquier frontera. Líneas divisorias creadas, también, a partir de ficciones que no por ser ficciones dejan de encarnarse. “Soy” una partícula, como toda partícula en el marco de la matriz de opresiones actual, que es afectada de manera singular y particular por el cuerpo-virus- crisis que nos envuelve a todas nosotras, existencias frágiles-vulnerables-carentes, sea que nos guste o no.

“Soy” una partícula enunciada: “migrante”, en un territorio no-europeo, un territorio que desde una perspectiva modelar, sustentada en el discurso desarrollista de la modernidad, está más cerca de aquella figuración (imagen) de progreso de la cultura blanco-occidental, aunque no por esto ha conseguido cerrar la

grande brecha entre la riqueza más absurda y la miseria genocida característica de los territorios colonizados y neocolonizados a partir de la expansión del neoliberalismo “humanizado”, misionero de la sostenibilidad.

Una vez, una performance brasilera (no sé si a ella le gusta ser enunciada de esta forma), Michelle Mattiuzzi, me preguntó algo parecido a esto (preguntaré después sí eso fue exactamente su cuestión): ¿Cómo le está pareciendo la grande finca de blancos que es Brasil?[2] “Yo”, que no “soy” una persona ágil para dar respuestas inteligentes en momentos así, y que no esperaba que alguien pudiera preguntarme esas “cositas tan rebeldes” en un espacio académico defensor de las instituciones y constructor de identidades intelecto-nacionales, me quedé balbuceando como una buena “idiota”[3] (no una idiota desobediente como también lo puedo ser) alguna cosa que estuviera en consonancia con el humor crítico que circulaba en el ambiente. La verdad no lo conseguí, pero después en el silencio de alguno de los cuartos en los que he vivido en la ciudad de Rio de Janeiro, riéndome de mí con un poco de vergüenza por mi falta de creatividad, me vino la respuesta: “A verdade é uma fazenda muito mais grande e, aparentemente, um pouco mais tecnificada que a colombiana”.

Ahora bien, en este tiempo en que la vida bajo la dinámica de producción de capital parece paralizada por un virus – ¡Un cliché hollywoodense todo esto! –, tuve más tiempo de pensar-sentir entre crisis de ansiedad, sentimientos de desamparo, rabia, crítica, música, danza y algunas lecturas, como una buena privilegiada temporal. Así, la respuesta cambió. Brasil al igual que Colombia es sólo una parcela de la gran “fazenda”, granja o latifundio que la blanquitud humanista como cultura de



Foto: Iúna

explotación, saqueo y captura – a partir de identidades estandarizadas que nos son “obsequiadas” y sobre las cuales parecemos destinadas a desear –, organizó a la medida de intereses indeterminados sistemas relacionales jerárquicos que se pretenden eficaces para anticipar cualquier encuentro.

Esta gran fazenda, granja o latifundio, no sólo se funda en una cultura de blanquitud humanista sobre ideales abstractos, jerárquicos, productivos y publicitarios, ¡También fracasa en lo que contractualmente estableció! Garantizar, a través de sus instituciones la vida de su mano de obra. La vida de las carnes-estructuras que lo sostienen.

**Paréntesis.**

[Aquí los análisis biopolíticos se enfrentan a una nueva dinámica: todos los cuerpos útiles o inútiles están siendo masacrados por un cuerpo imperceptible, le escupe en la cara a los que siempre creyeron tener el control del cuerpo, entendido como organismo humano. El poder soberano-disciplinar humanoide ya no puede cumplir su propósito más blanco e utilitarista “hacer vivir” a quienes son indispensables para su producción y mantenimiento. Se ha puesto, nuevamente, en cuestión el gran poder del padre/madre enunciado Estado y su “parcero”-aliado Mercado.

El llamado nuevamente es para lxs que se ubican en el medio diplomático, con suerte lxs que se adhieren a los “democráticos centro-izquierda”, liberales, ambientalistas Greenpeace, o cualquier otro proyecto caritativo herencia del cristianismos complaciente con las leyes de los patriarcas opresores (aún no conocí alguno justo), porque lxs que nascimos en las fronteras, lxs que habitamos lo lugares impuros, inidentificables, incomprensibles, lxs imperceptibles, entre “fofas” y fieras, lxs que engañamos a quién cree que puede domesticar nuestra ternura con fines lucrativos (afectiva-económica-intelectualmente) ya hemos escuchado el llamado desde nuestro nacimiento, algunas lo han entendido más rápido que otras, algunas no lo han comprendido sino a partir de la muerte, otras luchamos para no dejarlo pasar desapercibido bajo las tareas de automutilación que asumimos para acoplarnos a ciertos modelos.]

**Cierra paréntesis.**





En fin, habito este pedazo de parcela hace dos años y 28 días. Viviendo de los últimos frutos de la cosecha que la siembra de un partido de izquierda y de trabajadores e trabajadoras, consiguió recoger. “Soy” una obrera de 27 años que trabajó desde los 14 como vendedora informal en el colegio, desde los 18 con un salario mínimo, y actualmente me dedico a hacer lo que me gusta por esto días: disque “investigar”.

Durante dos años y 28 días viví de una beca otorgada por el Estado-Nación brasileiro y el sentimiento de culpa siempre me invadió: ¿Por qué no es una persona con menos posibilidades que yo ocupando este lugar? ¿Por qué vivo de lo que Estado-Nación brasileiro y sus aliados (OEA) dan para sostener su diplomacia comercial? Luego me pregunté por mis posibilidades ¿Realmente yo podía escoger: desempleada, con ideas en la cabeza y una convocatoria abierta? La respuesta fue: No. No fue una posibilidad de elección lo que me convirtió en un cuerpo que migra para estudiar. Era la forma en que mi cuerpo estaba siendo afectado y si quería seguir insistiendo en vivir y vivir como acto de creación, era mejor asumir.

“Soy” entonces, un cuerpo que aparentemente habita un privilegio al conseguir un cupo en una universidad y una beca para estudiar. Condición que se entrelaza con un baúl lleno de recuerdos de violencia y la pobreza; con un cuerpo racializado (no negro) – hija de un blanco-mestizo y una descendiente-indígena –, con un acumulo cultural e intelectual (para algunxs precario) y mi adiestramiento en el individualismo liberal.

Habitar los espacios de la cultura blanca académica y artística, me colocó en una frontera. Nunca lo suficientemente.

pobre y oscura, nunca lo suficientemente clase media y blanca. Nunca lo suficientemente académica, nunca lo suficientemente artista. Un cuerpo que no aprende a ser lo suficientemente obediente para trabajar en/con las instituciones, ni lo suficientemente insubordinada para vivir radicalmente independiente de ellas.

Migrante ¿Parásito? Aquel que espera el estímulo de la luz del sol para moverse o del calor de cualquier vigoroso mamífero que le pueda dar abrigo y comida hasta la muerte. Migrante ¿Agenciamiento? Nadie podrá decir que fui/mos sólo “pasividad” y “sumisión”, aunque se quieran convencer de lo contrario.

**Nota II: Sobre la exposición (Y su radicalidad).  
12 maio 2020**

En el tiempo del patriarca “ser” una criança é sinónimo de carne (vianda) para o gozo do dominador. No tempo da cultura patriarcal infantilizar un cuerpo es una práctica de subordinação. En el tiempo de las estructuras jerarquizantes jugar (se relacionar) como criança, sentir como vianda, infantilizar nuestros encuentros (intelecto-afectivo-carnales) nos hace alvo das más simples subestimaciones ou das violências mais ensañadas.

Podría pensar en mujeres, negrxs, indígenas, pobres, lésbicas, deficientes, trans, migrantes, racializadx no negrxs o indígenas, no binarixs, pero parece que todo nos llevaría a la misma ecuación: Las intensidades fuera del modelo (¿Cuál modelo?) son capturadas en identidades prefabricadas. Sim embargo, es mejor que no olviden que nuestra exposición (¿Vulnerabilidad?) desborda os moldes que nos eliminan y es lo que nos hace matilha aconchegadora e furiosa.

**Nota III: Da morte (suicídio) e seus atritos  
07 maio 2020**



La otra ilusión es que la revolución es limpia. No es limpia, ni bonita, ni veloz. Es un largo proceso sucio. Seremos confrontadas con decisiones que no son fáciles. Tendremos que considerar la muerte de amigos y parientes. Seremos confrontados con las decisiones de matar a miembros de nuestra propia raza”  
*Pat Parker, 1980.*

A impotência das relações que habitamos de dar vida, de darmos vida, “deveria” de fato

estar no centro da questão.

Nascemos para imediatamente SER cerceadxs pela violência de nossa engendração identitária, os nomes “próprios” dos quais às vezes nos tornamos escravxs.

A caso nascemos como desígnios de deusxs abstratos, externos, meta... físicos?

Não seria mais interessante desejar a duvida, insistir na desconfiança das predeterminações?

Nasci da carne, do gozo, da alegria, da violência, do choro. Como um modo amorfo, finito, precário e vulnerável.

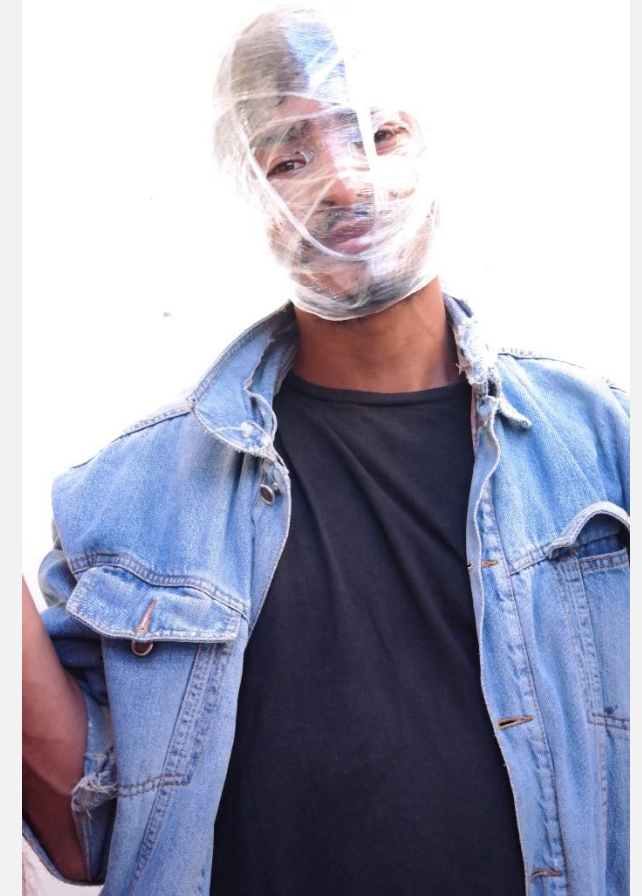


Foto: Will Soares

Nascimento-morte que gera vida. Nascimento-útil em um mundo que dissemina sopros de ar estéril.

Morte-Ciclos. Fogo, cinza, terra, sangue.

Mortes: descidas no caminho de produção. Parece-me que a potência de criação implica “haver” sido feridas pela morte. Mas o que se está conceitualizando como morte?

Ecdise, visceralidade, quietude, descamação.

Só nas mortes diárias do eu consigo conectar com outras, humanas e não humanas.





Medo? Sempre, acaso abandonar o conforto de uma vida normal [izada], demasiado humana ia reproduzir o romantismo viciante, branco, estereotipado dos filmes Netflywoodianos?

Morte-guerra: ganharemos amigxs, perderemos outrxs no caminho. Morreremos e ressuscitaremos de infinitos modos.

Vivemos uma guerra que não começamos nosotrxs, e como é impossível virar e desejar abandonar, só resta tecer redes, lamber e cuidar das feridas, próprias e coletivas.

**A Mattos/Ganga  
13 maio 2020**

Habitar (n)as descidas  
Aprender a abraçar vulnerabilidades  
Entender precariedades  
Desfrutar n(d)as sombras  
n(d)as trevas  
aprender delas a potência dos encontros  
No obscuro há um poder de cheirar, sentir, escutar, lamber, tocar  
de maneiras não normativas e sim experimentais.  
Nas sombras  
abandonar o rosto que os outros nos exigem carregar, é uma possibilidade.

As forças n(d)as trevas potenciam vida criativa para habitar as luzes. Com sorte as luzes não hegemônicas.

**Matéria nu.  
04 abril 2020**

Aparentemente  
Na queda  
Na desgraça  
As estruturas calcificadas e as carnes que as envolvem  
[marcadas estas com nomes próprios e Identidades]  
São questionadas  
Na sua utilidade [produtividade?]  
São questionadas  
na sua fortaleza na sua organicidade.  
Assim as coisas  
Cabe perguntarnos  
[como outrxs já têm feito antes e fazem atualmente]  
pelas nossas vulnerabilidades  
pelas nossas fraquezas  
pelas nossas fragilidades  
Pela produção de nossos DESEJOS  
Como compor juntas?

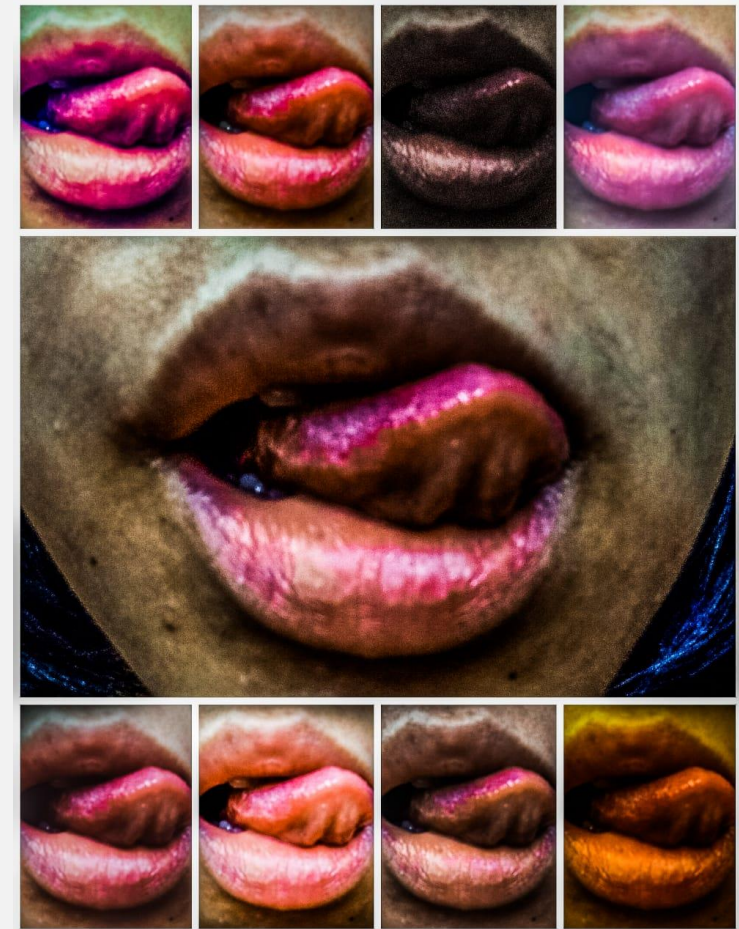


Foto: Laura Quimbay

**Referências**

MORAGA, Cherríe; CASTILLO, Ana (eds.). Esta puente, mi espalda. San Francisco: Ism Press, Inc., 1988, 99-107.  
GONZALEZ, I. Deshacer la especie: hacia un antiespecismo en clave feminista queer. Disponível em: [https://www.revistas2.uepg.br/index.php/tel/article/view/13797/209209213283?fbclid=IwAR2AW4e5G9RZ\\_jrz5EQo0bYoDqVWToudu1xg\\_4TwP2Fi1Qnp1zUFh\\_LjAao](https://www.revistas2.uepg.br/index.php/tel/article/view/13797/209209213283?fbclid=IwAR2AW4e5G9RZ_jrz5EQo0bYoDqVWToudu1xg_4TwP2Fi1Qnp1zUFh_LjAao). Acesso em: 04 de maio 2020.  
DELEUZE, G. Francis Bacon: lógica da sensação. Tradução de Aurélio Guerra. et al. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.  
DELEUZE, G. Sobre o teatro: um manifesto de menos; O Esgotado. Tradução de Fátima Saadi, Ovídio Abreu, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.  
[1] La letra cursiva son adiciones o modificaciones de la autora.  
[2] Una traducción al español de lo que entendí con esa pregunta. Quedará para futuras interpretaciones, ésta por el momento sirve a la idea que deseo desenvolver.  
[3] La idiotez como potencia de conocer y producir epistemologías no normativas. El idiota que no cree más en las ecuaciones impartidas en la escuela tradicional y teje el deseo de inventar otras ecuaciones.

**LAURA M. QUIMBAY**

Mistura **suja**te de apostas políticas antiespecistas, anarco-feministas, anticapitalistas. Dissidência sexual diriam alguns. Habitada pelas dores e pelos amores. Atravessada pela desproteção e pelo acolhimento, pelo cuidado e as trocas amistosas faz 27 anos. Migrante, atualmente moradora no Brasil. Pesquisadora das artes do corpo.



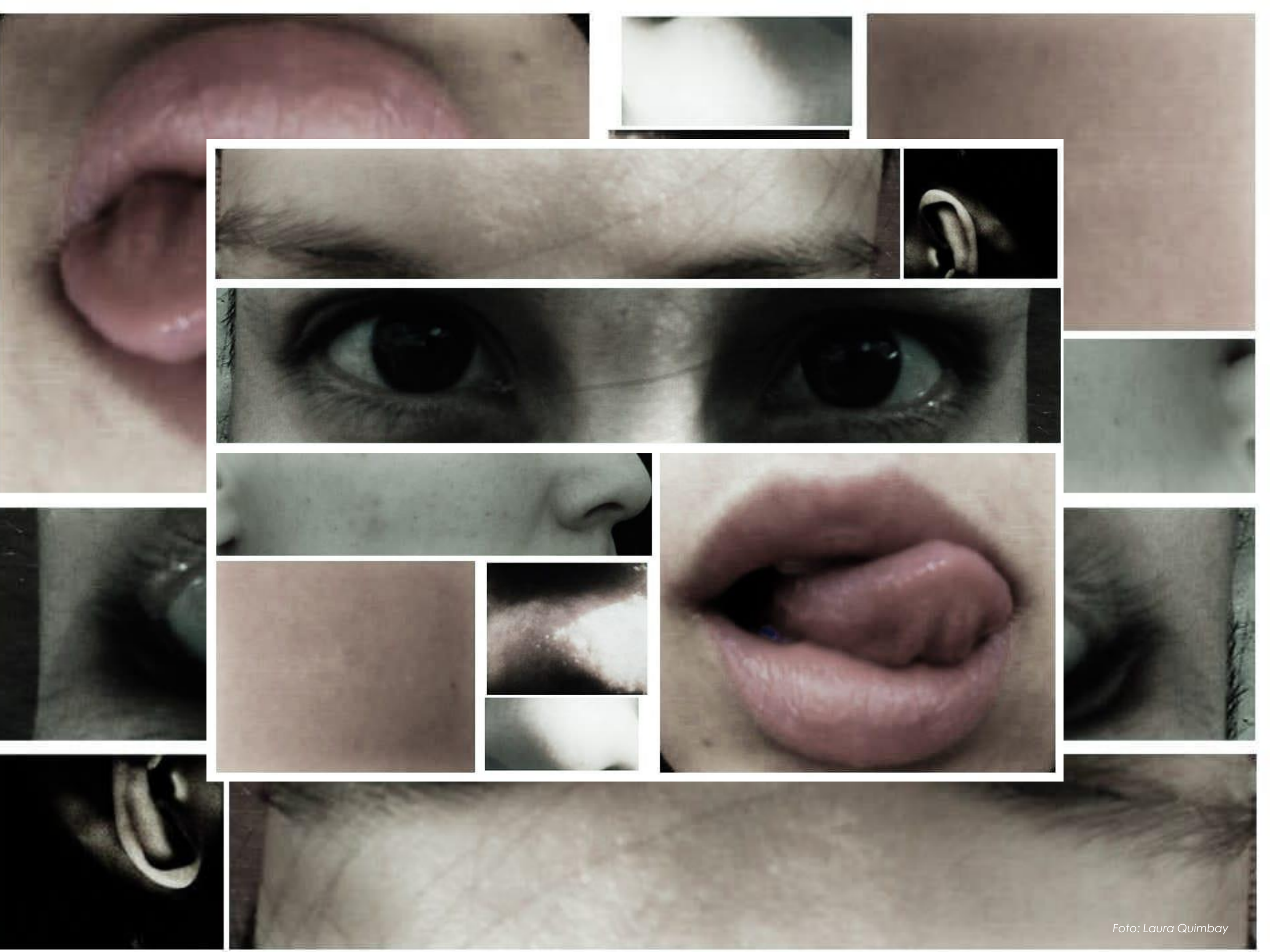
Trecho do texto “A caldeira de hija de perra”  
por Caleb Gutiérrez  
Disponível em: [www.queerlombos.org](http://www.queerlombos.org)

“  
*Sou de uma raça suspeita, e o meu  
trabalho e corromper as tradições  
que nos metem sempre  
conformados, provocando reflexão  
nos cérebros que não querem se  
abalar com nada e preferem ser  
cegos ao bombardeio, á segregação  
e ao controle que existe sobre a  
gente. Nao estou legalizada, sou um  
pária por excelência, não aspiro á  
inclusão, nao sou igual, não quero  
ser igual, prefiro habitar a diferença.*

*Hija De Perra.”*









REALIZAÇÃO:



INCENTIVO:



CULTURA



**PREFEITURA**  
**BELO HORIZONTE**  
GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA

nº 1572/2018

**EXPEDIENTE****Realização:**

Plataforma Coletiva  
Queerlombos

**Coordenação do projeto:**

Tulio Colombo

**Idealização:**

Arthur Medrado  
Fredda Amorim  
Tulio Colombo

**Curadoria:**

Karla Ribeiro  
Giovany Oliveira  
Mayra Pietra Antonio

**Coordenação de produção:**

Fredda Amorim

**Direção artística, e articulação sociocultural:**

Tulio colombo

**Coordenação de comunicação:**

Arthur Medrado

**Produção executiva:**

Fredda Amorim  
Laira Oliva  
Isabela Dilly  
Vina Amorim

**Assessoria de Imprensa:**

Mateus Meireles

**Oficineiras:**

Fredda Amorim  
Giovanna Heliodoro

**SITE****Web designer:**

Marianna Andrade

**Conteúdos:**

As Bacurinhas, Arquitetura Na Periferia, Arthur Medrado, Ávelin Buniacá, Breno Henrique, Caleb Gutiérrez, Gio De Oliveira, Grupo Viela, Idylla Silmarovi, Kako Arancibia, Láz Raphaellie, Lucimélia Romão, Luciana Console, Laura M. Quimbay, Mayra Silveira Pietrantonio, Mateus Meireles, Nívea Sabino, Núcleo LGBTQIA+ Movimento Sem Terra (MST), Rafael Dos Reis Aguiar, Ramon Nunes Mello, Toda Deseo, Tulio Colombo Corrêa.

**ESCUTAQUEER****Convidades:**

Ana Clara (Casa Tina Martins )  
David Maurity e Ju Abreu (Toda Deseo)  
Idylla Silmarovi (Zona de Encontro)  
Jô Arllen (Prep 15-19 "Nó! Deu match!")  
Juhlia Santos (Festival Transviva!)  
Kelly Spínola (Teatro Negro e Atitude)  
Lorrayne Antonielle (MLB - Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas)  
Lorena Lemos (MTD - Movimento de Trabalhadoras e Trabalhadores por Direitos)  
Marco Aurélio Prado (NUH - Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT da UFMG)  
Michelle Sá (Bacurinhas)  
Rainy Campos (Segunda Preta)  
Túlio Freitas (Brigadas Populares)

**Apresentação:**

Vina jaguatirica

**Captação Imagens cabeças:**

Kaio Barreto  
Arthur Medrado

**Edição e trucagem:**

Arthur Medrado

**Tradutora e intérprete de libras:**

Camila Freitas

**CANJERÊ DE IDEIRAS – VÍDEO****Convidades:**

DJ Pat Manoese, DJ Kingdom, Dyoní,  
Jamine Miranda, João Maka, Nickary Ayker  
e Titi Rivotril.

**Mediações:**

Fredda Amorim, Jahi Amani, Karla Ribeiro,  
Mayra Pietra Antonio, Theo Matelato e  
Vina Amorim.

**Vinheta e créditos:**

Arthur Medrado

**Edição:**

Vina Amorim

**CANJERÊ DE IDEIAS – PODCAST****Convidades:**

André Diniz, Bahia Canta, Carina Guedes  
(Arquitetura na Periferia), Eneida Baraúna,  
Kako Arancibia,, Luana Tolentino, Marlon Santo,  
Natália Alves (Coletivo Terra Preta) e Winny Rocha.

**Mediações:**

Anna Tulie, Arthur Medrado, Gio de Oliveira,  
Gabriella Oliveira (Grupo Viela), Saulo Calixto,  
Tulio Colombo.

**Edição:**

Jahi Amani e Vina Amorim

**REVISTA****Coordenação editorial:**

Arthur Medrado  
Fredda Amorim  
Tulio Colombo  
Vina Amorim

**Textos:**

Bacurinhas, Brigadas Populares, Fredda Amorim, Casa Tina Martins, Festival TransViva!, NUH, Nó! Deu Match!, MLB, MTD, Segunda Preta, Laura M. Quimbay, Toda Deseo.

**Transcrição EscutaQueer:**

Isabela Dilly

**Atêlie de Si:**

Idealização e realização -Vina Amorim  
Imagens: Adan Costa, Arthur Medrado,  
Daniela Mara, Darlene Valentim,  
Dih Carpenter, Fran Lima, Gabe Faya,  
Íuna, Laura Quimbay, Lucas Pietro,  
Mariane Rodarte, MPedry, Pedro Vaz,  
Saulo Calixto, Will Soares

**Capa**

Fotografia: Lucas Pietro  
Beleza: Darlene Valentim  
Style y Produção de moda: Gabe Faya  
Ass. de produção: Cafezin

**Design e diagramação:**

Tulio Colombo

**Esta revista foi realizada com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte.**



Acesse: [www.queerlombos.org](http://www.queerlombos.org) | [www.instagram.com/queerlombos](https://www.instagram.com/queerlombos)  
Contato: [queerlombos@gmail.com](mailto:queerlombos@gmail.com)







